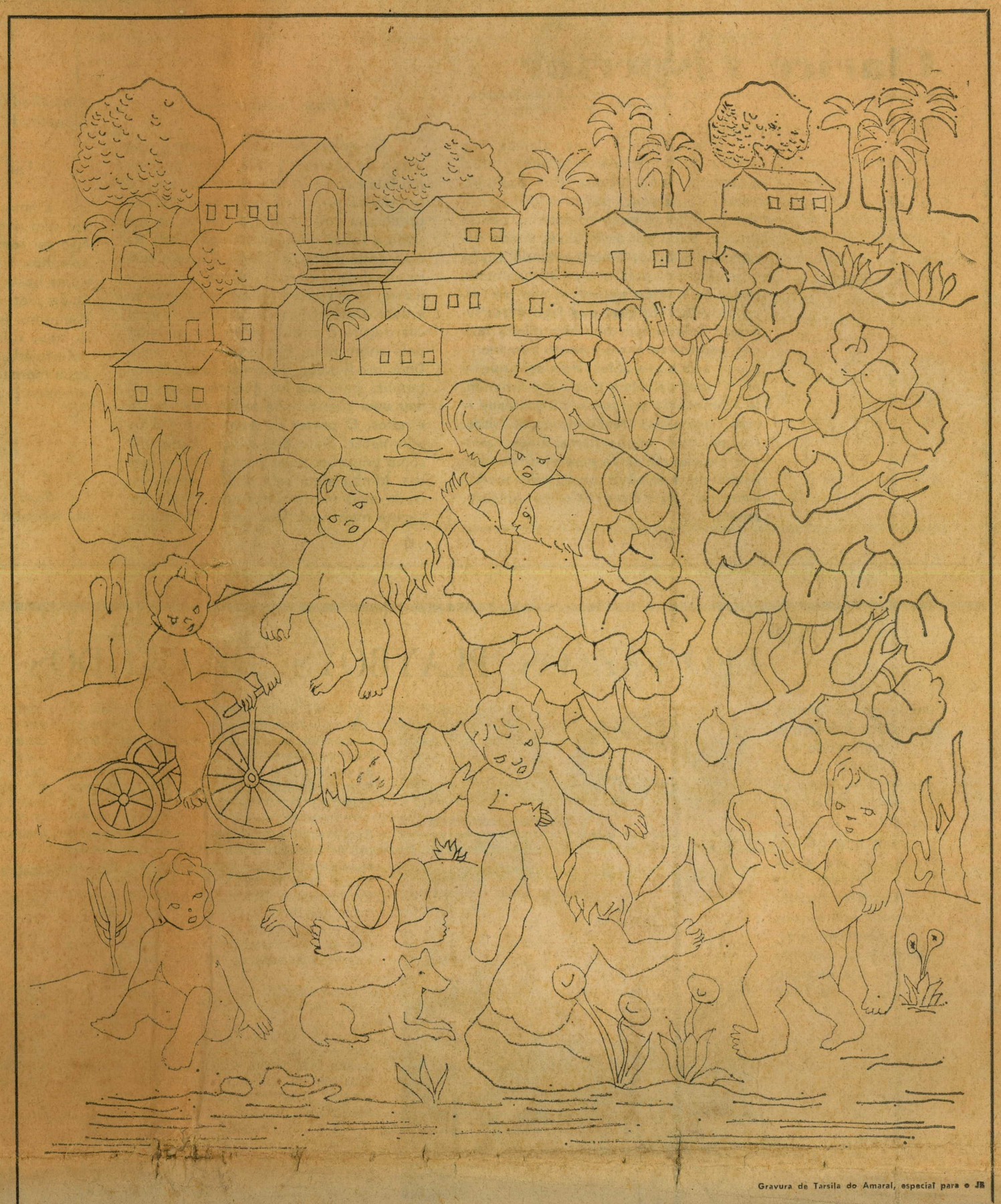
SBH
PA29 P89

A morte de um Papa (Bento XV) e a eleição de outro (Pio XI), a conferência de desarmamento em Washington e o espanto geral diante da bailarina americana Isadora Duncan dançando a Internacional em Moscou – as manchetes da imprensa mundial na semana – nada disseram a São Paulo: a capital paulista vive um estado de insurreição nos domínios da inteligência com o modernismo demolindo o passadismo em arte e literatura. Dividem-se os campos e separam-se as gerações. Uma guerra estética está em andamento.

É a Semana de Arte Moderna, com exposição de artes plásticas, concertos, conferências e declamação, em realização no Teatro Municipal, alugado por 847 mil réis pelo empresário do movimento modernista, René Thiollier, da direção do *Jornal do Comércio*. O primeiro a subscrever a lista das contribuições que asseguraram o financiamento da iniciativa foi Paulo Prado, homem de sociedade e escritor, erudito em História do Brasil, educado na Europa, onde conviveu com Eça de Queiroz e Oscar Wilde e se fêz amigo do poeta Paul Claudel.

De uma conversa de Paulo Prado com o pintor Di Cavalcanti é que nasceu a idéia, organizada – segundo êste criador plástico, um dos participantes mais destacados do acontecimento – de modo a se constituir numa "semana de escândalos literários e artísticos de meter os estribos na barriga da burguesiazinha paulistana."



Gravura de Tarsila do Amaral, especial para o JB

1922: UMA SEMANA DE TRÊS DIAS

A Semana inaugurou-se na noite do dia 13. Camarotes e frisas, cadeiras e balcões do Municipal repletos, o acadêmico Graça Aranha, que parece haver rompido definitivamente com a Academia para unir-se em literatura e política à mocidade revolucionária que faz o modernismo, proferiu a conferência de abertura.

No saguão do teatro está instalada a exposição de quadros e escultura. São obras de Antonio Moya e Georg Prsirembel (arquitetura); Vitor Brecheret e W. Haerberg (escultura); Anita Malfatti, Di Cavalcanti, J. Graz, Martins Ribeiro, Zina Aita, J. F. de Almeida Prado, Ferrignac e Vicente do Rêgo Monteiro (pintura) — tudo uma rejeição dos estilos e padrões consagrados.

Graça Aranha começou sua palestra falando dos trabalhos em mostra:

— Para muitos de vós a curiosa e sugestiva exposição que gloriosamente inauguramos hoje é uma aglomeração de horrores. Aquêle gênio supliciado, aquêle homem amarelo, aquêle carnaval alucinante, aquela paisagem invertida, se não são jogos da fantasia de artistas zombeteiros, são seguramente desvairadas interpretações da natureza e da vida. Não está terminado o vosso espanto. Outros horrores vos esperam. Daqui a pouco, juntando-se a esta coleção de disparates, uma poesia liberta, uma música extravagante, mas transcendente, virão revoltar aquêles que reagem movidos pelas fôrças do passado.

Aplaudido, vaiado e aparteado, o autor de *Canaã* investiu contra o academismo, que classificou de "morte pelo frio da arte e da literatura."

— Ignoro como justificar a função social da Academia — disse Graça Aranha — Ah! Se os novos escritores não pensassem na Academia, se êles por sua vez a matassem em suas almas, que descortino imenso para o magnífico surto do gênio, enfim liberto de mais êste terror.

Por fim, o escritor fêz uma profissão de fé no êxito do movimento:

— Da libertação do nosso espírito sairá a arte vitoriosa. E os primeiros anúncios da nossa esperança são os que oferecemos aqui à vossa curiosidade. São estas pinturas extravagantes, estas esculturas absurdas, esta música alucinada, esta poesia aérea e desarticulada. Maravilhosa aurora! Deve-se acentuar que, exceto na poesia, o que se fêz antes disto na pintura, na escultura e na música é inexistente. São pequenas e tímidas manifestações de um temperamento artístico apavorado pela dominação da natureza, ou são transplantações para o nosso mundo dinâmico de melodias mofinas e languidas, marcadas pelo metro acadêmico de outras gentes.

Ruídos e estrondos

Ilustrando a fala de Graça Aranha, o maestro Ernane Braga executou ao piano composições satíricas de Erik Satie, zombando da *Marcha Fúnebre*, de Chopin.

O sarau continuou com declamação e palestra do poeta Guilherme de Almeida e do escritor Ronald de Carvalho, êste integrante do grupo carioca que participa da Semana. Ronald de Carvalho discorreu sôbre a pintura e a escultura modernas do Brasil e recitou o poema *Os Sapos*, de Manuel Bandeira, outro modernista:

"Clame a saparia/Em críticas céticas:/Não há poesia/Mas há artes poéticas..."

A parte musical — "longa e exaustiva", segundo a *Fôlha da Noite* do dia seguinte — prosseguiu com a apresentação de composições de Vila-Lôbos. Em *A Gazeta*, uma crônica sôbre a música da Semana a define como "sons sucessivos, sem nexo, fora da arte musical: são ruídos, são estrondos."

Despropósitos intencionais

O festival do dia 13 repetiu-se na tarde de 15 e na noite de 17. Se o primeiro espetáculo transcorreu em relativa calma, as vaias, a gritaria e o tumulto marcaram os outros dois. Na vesperal do dia 15, quando Ronald de Carvalho recitava, alguém na platéia latiu, imitando um cão. O escritor interrompeu sua apresentação e replicou: "Há um cachorro na sala e está do lado de lá." O público ficou sem ação e as vaias pararam por alguns minutos.

Numa conferência em que pretendeu esclarecer os objetivos modernistas, o escritor Menotti del Picchia deixou a assistência chocada, com uma porção de despropósitos intencionais.

"Pela estrada de rodagem da via-láctea" — começou o autor de *Juca Mulato* — "os automóveis dos planêtas correm vertiginosamente. As estrêlas tocam o *jazz band* de luz, ritmando a dança harmônica das esferas. O céu parece um imenso cartaz elétrico, que Deus arrumou no alto, para fazer o eterno reclamo da sua onipotência e da sua glória. (...) Para os passadistas nós somos um bando de bolchevistas da estética, correndo a 80 H.P. rumo da paranóia. Somos o escandalo com duas pernas, o cabotinismo organizado em escola. Julgam-nos uns cangaceiros da prosa, do verso, da escultura, da pintura, da coreografia, da música, amotinados na jagunçada do Canudos literário da Paulicéia desvairada. (...) Aos nossos olhos riscados pela velocidade dos bondes elétricos e dos aviões, choca a visão das múmias eternizadas pela arte dos embalsamadores. Cultivar o helenismo como fôrça dinamica de uma poética do século é colocar o corpo sêco, enrolado em bandas, de um Ramsés ou de um Amnésis, a governar uma república democrática, onde há fraudes eleitorais e greves anarquistas. Aos discóbulos de Esparta, opomos Friedenreich e Carpentier. À derrocada de Ílion, a resistência de Verdun ou uma batalha de kemalistas. Às princesas de baladas dos castelos roqueiros, preferimos a datilógrafa garôta. Não queremos fantasmas! Estamos num tempo de realidades e violências."

Sob apupos e gritos do teatro lotado, o poeta e escritor Osvald de Andrade — o papel tremendo nas mãos — leu poemas de sua autoria e falou sôbre o programa da Semana. Em seguida, apresentado por Menotti del Picchia como "o diabólico, que dirá coisas infernais sôbre as alucinantes criações dos pintores futuristas, justificando as telas que tanto escandalo e tanta grita têm causado", Mário de Andrade, poeta e musicólogo, proferiu uma palestra sôbre estética. Nervoso, mas resolvido, o conferencista falou ao público exaltado, que vaiava e gritava, da escadaria do saguão do teatro. Sua fala teve o título *A Escrava que Não E' Isaura*.

CADERNO B

Ousadia e liberdade

As obras expostas no Municipal refletem várias tendências, tendo como denominador comum uma declarada intenção de contradizer tudo aquilo exibido em mostras anteriores realizadas em São Paulo. Na parte de arquitetura, os projetos assinados por Antonio García Moya ousam uma liberdade que parece partir da possível consciência do autor a respeito de sua impraticabilidade. Moya é espanhol, de Granada, mas veio para o Brasil ainda menino. Um de seus trabalhos da Semana foi batizado como o *Monumento ao Homem Ruim*.

Em escultura, o destaque são as peças de Brecheret, um italiano naturalizado brasileiro. Tendo viajado para a França, com bôlsa do Govêrno do Estado, êle deixou as obras em exposição com os organizadores da mostra. Brecheret é considerado um dos inspiradores do movimento. De seus trabalhos, o que vem provocando maior admiração é *Pietà*, um Cristo esquelético, trespassado a espada.

Na seção de pintura, a maior representação individual é de Anita Malfatti, paulista de formação artística alemã. Ela expõe 12 telas a óleo e oito peças entre gravuras e desenhos, alguns coloridos. *O Homem Amarelo*, *Estudanta Russa*, *A Bôba* e *Baianas* são alguns de seus quadros, caracterizados pelo entrosamento de planos, a côr usada livremente, em pinceladas rasgadas.

Di Cavalcanti mostra 12 trabalhos, dois em óleo: *Ao Pé da Cruz* e *Retrato*. Os outros são em desenho e pastel. Os títulos trazem conotação romantica: *Coqueteria*, *Boêmios*, *Café Turco*, *Intimidade*.

Zina Aita, mineira, de formação e família italianas, e Vicente do Rêgo Monteiro, pernambucano, com estudos em Paris, são os responsáveis pela maior parte da produção vinda do Rio. Zina mostra sete trabalhos, todos bem distantes do academismo e de marcante técnica pós-impressionista. Seu quadro *A Sombra* é um dos mais avançados da Semana. Vicente participa com 10 obras, entre elas um retrato de Ronald de Carvalho.

Regionalismo e mundanismo

Em artigo em *A Gazeta*, no dia da abertura da Semana, Mário de Andrade tenta explicar por que o grito modernista eclode em São Paulo e não no Rio:

"A hegemonia artística da côrte não existe mais. No comércio como no futebol, na riqueza como nas artes, São Paulo caminha na frente. Quem primeiro manifestou a idéia moderna e brasileira na arquitetura? São Paulo, com o estilo colonial. Quem manifestou primeiro o desejo de construir sôbre novas bases a pintura? São Paulo, com Anita Malfatti. Quem apresenta ao mundo o maior e mais moderno escultor da América do Sul? São Paulo, com Brecheret. Onde primeiro a poesia se tornou o veículo da sensibilidade moderna, livre da guisalhada da rima e das correias da métrica? Em São Paulo."

O poeta e crítico de arte faz uma exceção para o Rio, na música: "Só na música o Rio está mais adiantado, com Vila-Lôbos."

A afluência popular aos três festivais da Semana foi uma realidade e continua numerosa a frequência do povo à mostra de artes plásticas. Mas a Semana, em grande medida, é um acontecimento da alta sociedade. Menotti del Picchia, escrevendo no *Correio Paulistano*, disse que se trata da "maior ocorrência mundana da temporada, depois do baile dos Campos Elísios e antes do baile da Hípica" e considerou-a "a coqueluche do nosso *grand monde*." Osvald de Andrade, no *Jornal do Comércio*, justifica êsse acolhimento e a própria presença da aristocracia no movimento:

"Terra incerta, de formação heterogênea e recente, sem a organização das velhas sociedades que sempre tiveram em alta estima o talento dos seus artistas, aqui se impunha a palavra de homens cultos e inteligentes, para o estabelecimento afinal de uma corrente de apoio e carinho entre os intelectuais e a gente que os circunda."

Contando com o apoio da elite paulistana, a Semana de Arte Moderna obtém também a simpatia da imprensa, onde militam com brilho vários de seus participantes. E' o caso, por exemplo, de Menotti del Picchia, chefe de redação do *Correio Paulistano;* René Thiollier, um dos diretores do *Jornal do Comércio*, para o qual escreve Osvald de Andrade; e Mário de Andrade, que assina uma coluna em *A Gazeta*.

Clarice Lispector

A lucidez perigosa

Estou sentindo uma clareza tão grande que me anula como pessoa atual e comum: é uma lucidez vazia, como explicar? assim como um cálculo matemático perfeito do qual, no entanto, não se precise. Estou por assim dizer vendo claramente o vazio. E nem entendo aquilo que entendo: pois estou infinitamente maior de que eu mesma, e não me alcanço. Além do que: que faço dessa lucidez? Sei também que esta minha lucidez pode-se tornar o inferno humano — já me aconteceu antes. Pois sei que — em têrmos de nossa diária e permanente acomodação resignada à irrealidade — essa clareza de realidade é um risco. Apagai, pois, minha flama, Deus, porque ela não me serve para viver os dias. Ajudai-me a de nôvo consistir dos modos possíveis. Eu c o n s i s t o, eu consisto, amém.

Como adormecer

Em noites de insônia inventei um modo de adormecer infantil em que eu me falo baixo e muitas vêzes dá certo. É um pouco assim, se me lembro: "Retrogredi: sou uma criança pequena. Eu me deito e todos dormem comigo. Nada de mau pode acontecer. Tudo é bom e suave. A alma é eterna. Nunca ninguém morre. O prazer de ser criança é grande e doce. Deus se espalha pelo meu corpo: sua doçura é sentida como um paladar pelo corpo todo. Está bom, está bom. Deus me ilumina tôda mas bem em penumbra para sua luz não me despertar. Sou uma criança: não tenho deveres, só direitos. O prazer de estar viva é o de adormecer. Sinto êsse viver lentíssimo como um sabor pelas pernas e pelos braços. Minha alma está enfim entregue. Nada mais tenho a entregar. Nada me segura mais: vou. Vou para a beatitude. A beatitude me guia e me leva pela mão. A beatitude em vida."

Em busca do prazer

E tanto sofrimento por estar, às vêzes sem nem saber, à cata de prazeres. Não sei como esperar que êles venham sozinhos. E é tão dramático: basta olhar numa boate à meia-luz os outros: a busca do prazer que não vem sozinho e de si mesmo. A busca do prazer me tem sido água ruim: colo a bôca e sinto a bica enferrujada, escorrem dois pingos de água morna: é a água sêca. Não, antes o sofrimento legítimo que o prazer forçado.

Eu me arranjaria

Se o meu mundo não fôsse humano, também haveria lugar para mim: eu seria uma mancha difusa de instintos, doçuras e ferocidades, uma trêmula irradiação de paz e luta: se o mundo não fôsse humano eu me arranjaria sendo um bicho. Por um instante então desprezo o lado humano da vida e experimento-a silenciosa alma da vida animal. É bom, é verdadeiro, ela é a semente do que depois se torna humano.

Até a máquina?

Mandei consertar minha máquina de escrever. Inserido ao redor do rôlo (ou como quer que se chame o que vocês sabem) ainda estava o papel onde o consertador de máquinas tentara escrever para ver se está já estava sem defeito. No papel estava escrito:

s d f g ç l k j a e v que Deus seja louvado p o y 3 c

LEO VAZ: OS "PLAYBOYS" DIVERTIDOS

Ao longo do tempo, as resistências foram-se desfazendo e a Semana de Arte Moderna — junto ao modernismo, seu produto — tornou-se um fato cultural reconhecido por quase todos. Mas Leo Vaz, escritor contemporâneo dos acontecimentos, mantém-se coerente em sua negação de 1922

AOS 81 anos, aposentado das letras e do jornalismo, Leonel Vaz de Barros — Leo Vaz — autor de *Burrico Lácio* e *O Professor Jeremias*, afirma hoje como há 50 anos que a Semana de Arte Moderna "nunca existiu" e que "não passou de um delicioso conto-do-vigário."

Redator influente de *O Estado de São Paulo*, jornal que segundo êle sempre se recusou a participar "da maçonaria da farsa", Leo Vaz considera a Semana de Arte Moderna "um mito bem zoológico que o Osvald de Andrade, o Menotti del Picchia e o Inácio Costa Filho, que era delegado de polícia quando não estava caricaturando, foram inventando nas redações dos jornais."

Anedota

— O Teatro Municipal — narra Leo Vaz — estava vazio nos três dias da Semana. Não tinha ninguém, a não ser os arautos da anedota modernista. Foi a blague mais espirituosa já pregada na história da cultura.

Escritor consagrado já em 1918, quando entrou para a Ilustre de *O Estado*, levado por Júlio Mesquita, Leo Vaz era aplaudido tanto pelos participantes da Semana como pelos considerados conservadores. Entretanto, quando surgiu o movimento de 1922, êle se manteve omisso e hoje, decorridos 50 anos, confessa não compreender como é que o modernismo logrou conseguir tanto aprêço no mundo cultural, "levando em conta que tudo não passou de uma historinha de fadas." Acha que "nunca poucos lograram enganar muito a tantos bobos."

Na sua opinião "a coisa foi fervida, cozinhada e azêda nas mesas de jornalistas" e cita como grandes responsáveis Guilherme de Almeida e Di Cavalcânti, que desenhava e redigia uma seção de batizados e aniversários para o *Estadinho*, a edição vespertina de *O Estado*.

— O sujeito que não quisesse ser xingado de passadista, reacionário, naquele clima fervente de demonismo importado, se agarrava logo às asas do futuro. E todos os que eram modernistas, entre êles, iriam para o céu estético, cabendo a nós outros as chamas do inferno com gramática, bom senso e o resto.

Talento

Leo Vaz reconhece que havia bastante talento impulsionando a Semana de Arte Moderna. Faz questão de mencionar Osvald de Andrade, de quem diz ter sido amigo particular, "se bem que desafinássemos literàriamente."

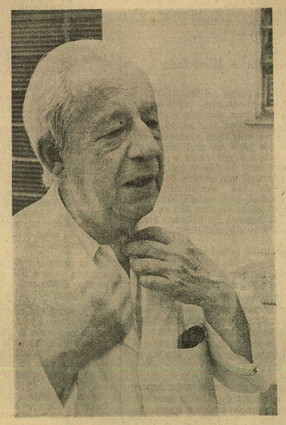
— Fui muitas vêzes à *garçonniere* osvaldiana, entre 1918 e 1919. Lá se conversava bem e bebia melhor. O dadaísmo ainda não botava as manguinhas de fora, apesar das extravagâncias verbais do Osvald, inconformado ante o fato de não haver nascido em Paris. Só ouvindo a doçura com que êle proferia nomes sonoros como o de Jean Cocteau, por exemplo.

Revolvendo fatos que lhe vêm à memória "já de si cambaleante, mais frágil que a última flor do Lácio, inculta e bela, no linguajar futurista", Leo Vaz acrescenta que o mal dos adeptos dessa tendência estética "é que talvez, dada a intensa absorção, não tenham podido digerir suficientemente, daí a impressão de pastiche que deixava seu jeito de escrever, pintar e compor."

— A tal Semana — concluiu — que foi fogo-fátuo dos *playboys* dos anos 20, serviu para divertir os *gozadores* e espantar alguns burgueses. O pior foi ter dado origem às famigeradas bienais. Nesse ponto é imperdoável. Só por isso é que não digo dela que foi como a famosa batalha de Itararé a maior da América do Sul; apenas não houve.

ANTÔNIO PAIM VIEIRA: OS BURGUESES CONFORTÁVEIS

Embora ligado a várias personagens do modernismo (com quem chegou a colaborar, como ilustrador), Paim Vieira, pioneiro paulista da xilogravura, contesta a Semana e principalmente suas consequências mais radicais, no campo da poesia e das artes plásticas



CRÍTICO impiedoso da Semana de Arte Moderna, o desenhista e ilustrador Antônio Paim Vieira não esconde que participou por pilhéria do movimento, com três desenhos improvisados às pressas, e que riu muito no Teatro Municipal quando Mário de Andrade exibiu seus trabalhos ao público e garantiu que aquêles s e r i a m os clássicos do amanhã.

Monarquista confesso, que vive a sonhar com a volta do Império, "o instante mais ordeiro da vida nacional", PaimVieira relembra que Ian de Almeida Prado lhe trouxe a notícia da mostra no dia em que se encerravam as inscrições. Improvisou três peças em prêto e branco, sôbre um fundo vermelho, e batizou os trabalhos com nomes esquisitos.

À distância

Paim Vieira diz que nunca participou de nenhuma roda modernista, embora acompanhasse de longe "a aristocrática figura de Paulo Prado, em cuja casa havia reuniões constantes." Sabia ser êle "um dos grandes corifeus da aventura", junto com Mário, Osvald e Menotti.

— A vida artística brasileira — afirma o ilustrador — não era, afinal de contas, tão intensa que estivesse a exigir uma renovação. A única reforma séria reclamada pelos espíritos cultos consistia na nacionalização da arte. O resto foi esnobismo. Nós vivíamos na mais estreita dependência da cultura européia. Muitos artistas iam para a Europa estudar pintura e música; os escritores se formavam lendo livros franceses. Em dado momento, essa importação começou a fatigar e desejou-se algo nôvo, que fôsse nosso.

Admite que isso era prenúncio de uma reforma em profundidade, que se esboçava nas artes e logo iria atingir a vida política. Mas acha que a Semana interpretava melhor o pensamento das velhas nações que das novas, pois nem o parnasianismo, de versos amaneirados, substancialmente vazios, nem os eternos nus acadêmicos, mostrados com nomes de lendas gregas ou romanas, poderiam mais fazer frente à reforma em questão.

— As côres e as linhas do modernismo feriam brutalmente a sensibilidade já adormecida. A Semana atuou no meio cultural brasileiro combatendo o preconceito que se tornara um estôrvo intransponível. O mal foi terem os modernistas abusado da liberdade de destruir, sem nada colocar no lugar do destruído. A poesia entrou por campos inusitados, sem ritmo e sem rima. A pintura passou a ser borrões, deformação e puerilidade. O lema de ser diferente, original, fazer o imprevisto, é muito pouco em matéria de estética.

O lado mais positivo de 1922, na opinião de Paim Vieira, foi a valorização do folclore, "o que não estava nos planos dos modernistas."

— E isso se deu por óbvias razões. O folclore é uma arte primária, de efeitos violentos, tanto nos sons como nas côres. Por isso conseguiu ser admitido no mundo superior.

Paim Vieira, talvez o primeiro paulista a realizar xilogravura, figura na revista **Klaxon** de 1922 com um e x t r a-texto preparado especialmente para a publicação. Ligado a Menotti del Picchia antes da Semana, ilustrou a luxuosa edição de **As Máscaras**, tendo assinado também a paginação da revista **Ariel**, que representou em seu tempo uma renovação das artes gráficas. Hoje são famosos seus motivos decorativos e estilizações, sobretudo em arte sacra, sua especialização.

— A Semana de 1922 — afirma em um resumo final — não teve a menor preocupação social. Os futuristas todos eram burgueses confortáveis, que gostavam de se reunir em ambiente de luxo, **gozando**, fazendo blague, mas sempre em harmonia com os Governos, auferindo dêles bons proveitos para si e os seus. Não davam a mínima aos princípios. Só lhes interessava a forma, o exterior. Socialismo, fascismo, hitlerismo, capitalismo, tudo eram apenas qualificativos. Não queriam passar por reacionários. Nada além disso.

ASTERIX

O GAULÊS

5BH
PL29 P59

Zózimo

Sensacionalismo

● É incrível que parte da imprensa brasileira tenha *embarcado* na história da troca de corpo no suicídio do Conde Bino Cicogna. Estava óbvio que a história tinha sido inventada pelas revistas italianas sensacionalistas que não medem consequências quando se trata de promover escândalo.

Bozano com um "z" só

● Escrevi outro dia equivocadamente o nome do Sr. Júlio Bozano com dois "z". Depois é que me lembrei que Júlio Bozano, apesar de ser um homem despido de qualquer vaidade, só faz questão mesmo de uma coisa: que seu nome seja escrito corretamente para evitar confusões com outro grupo de nome semelhante, embora de atividade inteiramente diferente.

● A história é a seguinte: quando há cêrca de 11 ou 12 anos foi fundado o Grupo Bozano-Simonsen, então restrito a apenas uma modesta financeira, o outro grupo de nome semelhante correu a publicar nos jornais uma nota esclarecendo que nada tinha a ver com a emprêsa que nascia, insinuando até uma semelhança proposital de nomes com o objetivo de aproveitar a propaganda que era feita. Júlio Bozano não disse nada, mas hoje, com seu grupo e as emprêsas a êle filiadas, tendo só de capital e reservas Cr$ 185 milhões, faz também questão de não ser confundido com a outra indústria de nome semelhante.

Vaivém

● Humberto Saadi investindo com fôrça no carnaval. Serão doados pela sua Dijon os primeiros prêmios dos concursos de fantasias do Municipal e do Monte Líbano: Cr$ 10 mil cada um.

● Geysa e Hubert de Castejá estão convidando para *cocktails* no dia 9 recepcionando a comitiva estrangeira que Guy, que também é Castejá, trará para o carnaval.

● Denúncias de que o Clube Radar praticou discriminação racial contra a filha do saxofonista Paulo Moura.

Sr. Silêncio

● O *homme du monde* Pierre Schlumberger, atualmente *transando* no Rio, é conhecido pelo seu mutismo, o que, nas reuniões sociais, quase leva ao desespêro as pessoas que tentam conversar com êle. Pois bem, em poucos dias de circuladas cariocas já ganhou um apelido: Iraiá Schlumberger (Iraiá é o silencioso e mal-humorado marido de Norminha Jô Soares).

Guerra do Paraguai

● O diplomata-poeta João Cabral de Melo Neto tem aproveitado sua permanência no atual pôsto, Assunção, para estudar profundamente a Guerra do Paraguai. Como é dotado de extraordinária memória e como já devorou quase tôda a literatura existente sôbre o assunto, tornou-se uma de suas maiores autoridades. E' capaz de discorrer de cor sôbre a Guerra recitando trechos inteiros de seus maiores historiadores.

Contraponto

● Sérgio Bernardes pediu seu desligamento do Instituto dos Arquitetos do Brasil. Não gostou de uma carta-censura sôbre um hipotético *affaire* entre êle, Sérgio, Oscar Niemeyer e a arquitetura de Brasília.

● Hoje, no Rio, o presidente do Hotel France International, Sr. Leopold George. Vem para a assinatura dos contratos referentes à construção do Hotel Meridien Copacabana.

● O Museu Nacional de Belas-Artes convidando para a exibição, amanhã, do filme *Flash Gordon no Planêta Mongo*.

Recepcionistas

● Chica Dutra, Cristina Albuquerque, Beatriz Miranda Jordão, Bea Assunção, Ana Maria Jucá são algumas das recepcionistas que trabalharão no atendimento aos representantes dos 34 países que participarão do Congresso Internacional de Cirurgia Plástica, no Rio.

Deu a louca na Barra

● Cr$ 4,00 é quanto está sendo cobrado por um camarão nos restaurantes da Barra da Tijuca. Se o freguês fôr um pouco mais sofisticado e preferir uma casquinha de siri, pagará por cada uma Cr$ 7,00.

● Mais de um dólar por uma casquinha de siri é uma loucura que pode ser cometida em qualquer lugar do mundo, menos evidentemente numa cidade empenhada em se promover turisticamente.

Por aí...

● Juan Manuel Fangio, cinco vêzes campeão do mundo de automobilismo, concretizou seu velho sonho: construiu numa área de que é proprietário, em Balcacer, na Argentina, um autódromo com restaurante, hospital, museu e pista para aterrissagem de helicópteros.

● Sra. Laís Gouthier telefonando de Paris: chega em março ao Rio em companhia de Beatriz e Antenor Patiño. Confirmada, portanto, a notícia desta coluna.

● Jorginho Teles é a nova atração do bar Scotch.

Cinema brasileiro

● Ninguém que tenha visto o filme Como Era Gostoso o Meu Francês discute a sua qualidade artística. Pois o filme de Nélson Pereira dos Santos mostrou, após quase quatro semanas de exibição, que além de sucesso artístico o é também comercialmente, tendo faturado até agora nos cinemas do Rio cêrca de Cr$ 400 mil.

● Apesar de tudo isto, de ter sido considerado um ótimo filme e de ter atraído a curiosidade do público, Como Era Gostoso o Meu Francês sairá de cartaz na segunda-feira. Por quê?

● A sofreguidão dos exibidores em retirar de cartaz os filmes brasileiros, m e s m o aquêles que mostram boas possibilidades financeiras, é altamente danosa ao nosso cinema. O exemplo do filme em questão é típico: Como Era Gostoso vinha cumprindo uma boa carreira, com possibilidades de, se continuasse em cartaz, dobrar o lucro obtido até hoje. Pois em vez disso, tendo encerrada a sua carreira no Rio, terá um resultado final de menos 50% inferior às suas possibilidades.

Marilda Pedroso, uma das mulheres da moda

Rio de Janeiro

1 — A Fundação dos Terminais Rodoviários do Estado da Guanabara começou a levar ao exagêro sua providência de cobrar estacionamento nas ruas da cidade, mesmo naqueles locais tradicionalmente usados pelos motoristas p a r a parquear seus automóveis. A Praça General Osório é um bom exemplo. De repente, a FTREG chegou, plantou ali uma placa e começou a cobrar indiscriminadamente Cr$ 2,00 pelo estacionamento, seja o período que fôr. Ora, com todo aquêle shopping de Ipanema, o entra-e-sai de carros na praça é ininterrupto. A Cr$ 2,00 cada, a renda da Fundação, só na General Osório, deve a esta altura alcançar somas astronômicas. É verdade que a ira dos motoristas não seria tão intensa se os gordos lucros da FTREG tivessem o destino com que todos que dirigem carro nesta cidade sonham: melhoria do trânsito e da pavimentação das ruas que andam abaixo da crítica. Mas não. A impressão que dá é que a sangria a que os motoristas são submetidos diàriamente tem como único objetivo alimentar a construção daquele prédio horroroso encravado em plena Avenida Nilo Peçanha.

2 — E já que se tocou no problema da péssima pavimentação das ruas, é impossível que não haja uma lei que o b r i g u e as emprêsas (particulares ou concessionárias de serviços públicos) a refazerem exatamente como encontraram o piso das ruas que abriram buracos para fazer obras. Geralmente, a obra, depois de concluída, deixa como rastro a pavimentação mal refeita, com depressões, montículos, que estragam os automóveis e enfeiam a cidade. O piso da calçada em frente ao prédio onde moro, em Ipanema, feito em pedras portuguêsas pela firma que o construiu com todo o capricho, é hoje um quebra-cabeças mal arranjado e pavoroso, resultado de uma obra feita por uma dessas Cedags da vida.

3 — O que será que está faltando para que se complete a iluminação do Atêrro, que continua em trevas no trecho que vai do Hotel Glória até quase o MAM? A iluminação, sideral, fornecida por postes estratosféricos, cessa num determinado ponto e daí para a frente a noite negra envolve tudo: c a r r o s, namorados, passantes e, o que é mais importante (para os marginais), os assaltantes que fazem do local o seu QG.

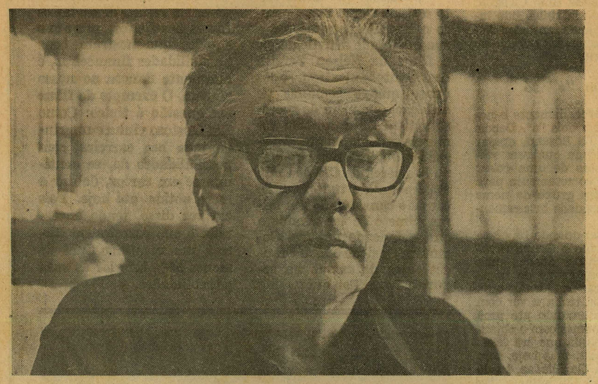
Zózimo Barrozo do Amaral

O 1.º LUGAR EM DIREITO (PUC-UFF) É DO CURSO ANDRÉ MARTINS TEL. 235-3686

HOJE SENSACIONAL feijoada RINCÃO GAÚCHO COM SAMBA, ATRAÇÕES E BATIDAS ESPECIAIS R. MARQUÊS DE VALENÇA, 83 - TIJUCA

WEBER PIMENTA-BUENO
Comunica seu nôvo endereço de consultório:
Rua Getúlio das Neves n.º 10
Jardim Botânico
Tel.: 266-2664
266-3564

A SEMANA COM OS OLHOS DE HOJE



A CULTURA EM PROCESSO

A grande contribuição do modernismo à vida cultural brasileira, na opinião de Mário da Silva Brito, foi permitir a constante renovação dos meios de expressão e ainda das mensagens das novas gerações, pois "colocou a cultura brasileira em permanente processo. Processo e progresso."

Historiador maior da Semana de Arte Moderna, êle recorre às palavras de Mário de Andrade para sintetizar as conquistas fundamentais do movimento: o direito permanente à pesquisa estética, a atualização da inteligência artística brasileira e a estabilização de uma consciência criadora nacional e, notadamente, a conjugação dessas três linhas básicas de direção "num todo organico da consciência coletiva."

Os efeitos

Mário da Silva Brito baseia-se em um simples fato para provar o êxito que cercou e que se seguiu ao movimento de 1922: se tivesse sido um fracasso, os jornais não lhe dedicariam sequer uma linha, ao invés de prepararem, como agora o fazem, páginas e páginas em tôrno dêle, ou dedicarem-lhe suplementos especiais para festejá-lo e debatê-lo criticamente. Mas não crê que, em alguma outra oportunidade, tivesse cabido uma nova Semana.

— Cada geração manifesta-se conforme as suas possibilidades e as possibilidades que a própria época fornece. A de 22 organizou a Semana. As que a sucederam, herdaram as suas conquistas e abriram os seus próprios caminhos, mas sem necessidade, então, de uma arregimentação de fôrças para a derrubada de um estado de coisas obsoleto.

Acha que depois de 1922 não se registrou no país nenhum movimento cultural semelhante à Semana de Arte Moderna.

— Suponho que o concretismo foi o que mais se aproximou, partindo, tal qual ela, para uma recolocação do problema estético nas letras, artes plásticas e música. Também certas correntes populistas tentaram dar direções inéditas às atividades culturais, artísticas e até políticas. Mas os fados fizeram-nas dar meia volta, volver.

AS PALAVRAS EM LIB ERDADE

ANTÔNIO CARLOS VILLAÇA

MEIO ano antes do centenário da independência política, houve em São Paulo, sob a paternidade de Graça Aranha e Paulo Prado, a Semana de Arte Moderna. Semana de três dias, cuja significação queremos analisar, neste seu cinquentenário. Claro, não foi um fato isolado. Houve, antes, com menos ruído, as exposições de Lasar Segall, Anita Malfatti e Vitor Brecheret, entre 1913 e 1920, e a sessão do Trianon. Pouco importa, afinal, que Graça Aranha tenha ido a São Paulo por causa de negócios de café ou por causa de Nazaré Prado, irmã de Paulo. O certo é que a mulher de Paulo Prado teve a idéia. A Semana era um estado de espírito.

No ano de 1922 publicaram-se pelo menos sete livros que simbolizavam essa transição violenta — *Luz Mediterranea*, de Raul de Leoni, e *Lampada Velada*, de Hermes Fontes, que eram bem uma despedida, um adeus ao passado com suas formas gastas, seus cacoetes, seus clichês, suas limitações; dois ensaios de renovação espiritual, *Pascal e a Inquietação Moderna*, de Jackson de Figueiredo, e *A Igreja, a Reforma e a Civilização*, de Leonel Franca, e três livros tipicamente modernos, *Os Condenados*, de Oswald de Andrade, *Epigramas Irônicos e Sentimentais*, de Ronald de Carvalho, e *Paulicéia Desvairada*, de Mário de Andrade.

Os rapazes sabiam com precisão o que não queriam, mas não sabiam com segurança o que queriam. E o mesmo aconteceria com a Revolução política de 1930. Havia em 1922 a sensação nítida de esgotamento das formas preestabelecidas. Não, não era possível continuar repetindo uma retórica. Abaixo a geronstocracia. Abaixo a forma consagrada. O que logo salta aos olhos na Semana é a afirmação de uma liberdade estética absoluta.

A causa de uma geração

A lei é substituída pela liberdade, diria Graça Aranha em *O Espírito Moderno*. Em nome da liberdade estética mais absoluta é que os rapazes se reinem em São Paulo. *"Le seul mot de liberté est tout ce qui m' exalte encore"*, confessa André Breton. E Ronald de Carvalho: "Cria o teu ritmo livremente." Um surto de liberdade estética, a exprimir profunda inasatisfação com o passado. Um polemismo destrutivo, um movimento *contra*, isto é, futuristas contra passadistas. O moderno erige-se como valor em si. O que caracteriza a estética da Semana, fundamentalmente, é a ruptura; trata-se de um grupo agressivamente polêmico, que em nome da liberdade de criação opta pelo futuro contra o passadismo gasto. Abaixo a gramática. Rui Barbosa e Coelho Neto representavam o passado. Graça Aranha, o futuro. Tanto a Semana de Arte Moderna como a conferência na Academia em junho de 1924 eram um repúdio do parnasianismo e sua poética da disciplina e uma afirmação dionisíaca e espetacular de independência total. Frivolidade? Ironia, sátira, gargalhada.

Não foi uma transição. Foi uma oposição. Não foi uma brincadeira, uma farsa, uma piada, uma irreverência inconsequente. Foi uma opção profunda. A geração de 1922 não tinha mais uma causa. Abolição e República já estavam feitas. A Campanha Civilista passara. A guerra viera, como uma afirmação do espírito trágico. Charles Louis Philippe nos disse, numa síntese profética: *"Finir, la douceur de vivre. Les temps de la passion sont arrivés."* Os rapazes de 22 sentiam realmente que haviam chegado muito tarde num mundo muito velho — *"Nous sommes venus trop tard, dans un monde trop vieux"*... A arte precisava ser renovada. Subito, foi esta a causa de tôda uma geração.

O espírito moderno

Desde 1913, Graça Aranha insistia com seus amigos moços no sentido de que fizessem quanto antes um movimento de renovação literária no Brasil. E quando, em 1921, voltou da Europa, único vínculo, único elo entre a geração da República e a geração de 22, Graça tratia consigo as idéias essenciais de um modernismo. Um modernismo de inspiração goethiana. Destruir os padrões estéticos da velha guarda e criar uma originalidade ousada e moderna. Graça falia do moderno um critério absoluto. O que êle nos propunha era que aderissemos ao espírito moderno.

E logo as gerações se dividiram, os grupos se formaram, os passadistas, os futuristas, os independentes, como um Gilberto Amado, um Martins Fontes, um Humberto de Campos, um Jackson de Figueiredo, um Raul de Leoni, mesmo um Monteiro Lobato, que atacou Anita Malfatti. O espírito polêmico dominou a primeira fase modernista. O modernismo era uma antítese. Do outro lado, estava a Academia, estava Osório Duque Estrada com seu apito, estava o helenismo de Coelho Neto, estava o purismo de Rui, estava a repetição do parnasianismo, a apatia, o marasmo, a conservação.

O fator tempo tem um lugar capital no modernismo. A característica liminar é cronológica. Trata-se de valorizar o presente e o futuro contra o passado. Uma insubordinação de novos contra o anacronismo. Um choque de gerações, *la querelle des anciens et des modernes* ... O eixo em 1922 é o eixo *ontem-hoje*. De modo que podemos falar de uma ingenuidade cronológica da geração modernista. De qualquer modo, o tempo como valor em si é uma afirmação explicita.

A primeira geração modernista foi fundamente demolidora, destrutiva. Houve, como fato central, a insubordinação da poesia contra o verso. Ou o primado da poesia sôbre o verso. Ou a incorporação da prosa pela poesia. E, simultaneamente, a poetização da prosa. Era uma influência nitidamente simbolista. *Os Condenados*, de Osvald de Andrade, é um romance dannunziano. E Dannunzio era o que havia de mais simbolista, desvairadamente.

O caráter aristocrático

Música, poesia, pintura, escultura, tudo forma uma profunda unidade. Na raiz do modernismo brasileiro estão uma pintora e um escultor: Anita Malfatti e Vitor Brecheret. Osvald de Andrade se inspira em Brecheret para a criação de uma personagem da sua *Trilogia do Exílio*. E Mário de Andrade responsabiliza a escultura de Brecheret pela eclosão da *Paulicéia Desvairada*.

Na mesma conferência de 1942, no Itamarati, por ocasião do vigésimo aniversário da Semana, Mário lamentava o caráter hermético, aristocrático ou elitista do movimento. E procurava sublinhar o seu cunho brasileiro. Mas aqui nos lembramos, com Álvaro Lins, da palavra de Silvio Romero, em *Evolução da Literatura Brasileira:* "Tomar da Nação os assuntos e da cultura universal moderna o critério diretor das idéias." Foi o que fez o modernismo.

Em suma, a consciência da liberdade no plano da pesquisa e da experiência estética, eis o ponto decisivo.

Basta-nos reler o *Prefácio Interessantissimo*, da *Paulicéia Desvairada*. "Está fundado o desvairismo", proclama o jovem futuro criador de *Macunaíma*. E na conferência do Itamarati êle diria: "O modernismo não era uma estética. Era um estado de espírito..." Mário está às vêzes mais perto da lição de Mallarmé do que da lição de Marinetti. Afirma logo que não quer as "repetições fastientas, sentimentalidades romanticas, pormenores inúteis..." E então: "Marinetti foi grande quando redescobriu o poder sugestivo, associativo, simbólico, universal, musical, da palavra em liberdade. Marinetti errou: fêz dela sistema. Uso palavras em liberdade..."

"Sou passadista, confesso." Mário insiste na significação da cultura: "O passado é lição para se meditar. Não para reproduzir." Contudo, volta ao tema central: "Minhas reivindicações? Liberdade. Uso dela; não abuso."

A blague e a seriedade

"Quando sinto a impulsão lírica, escrevo sem pensar tudo o que meu inconsciente me grita. Penso depois, não só para corrigir, como para justificar o que escrevi." E, tipicamente: "Aliás, muito difícil saber onde termina a blague, onde principia a seriedade. Nem eu sei."

"Sou passadista, confesso," repete êle. "Perto de 10 anos, metrifiquei, rimei." E esta declaração peremptória, no mesmo *Prefácio Interessantissimo*, dezembro de 1921: "Não sou futurista, de Marinetti. Disse e repito-o. Tenho pontos de contato com o futurismo." Essa preocupação de esclarecer, precisa, distinguir é típica de Mário. O que êle quer é reivindicar a sua liberdade pessoal de esteta, a sua originalidade. Queixa-se em carta a Manuel Bandeira, de fevereiro de 1922, daqueles que acham que êle está imitando Cocteau e... Papini. "Sei que dizem de mim que imito... E' verdade que movo como êles as mesmas águas da modernidade. Isso não é imitar: é seguir o espírito duma época."

A nota brasileira aparece: "Pronomes? Escrevo brasileiro." Em 1924, diria em carta a Manuel: "Minha obra tôda badala assim: Brasileiros, chegou a hora de realizar o Brasil." Esse nacionalismo velo dos salões de São Paulo, Prado, Penteado, Freitas Vale.

Uma das teses mais importantes da estética de Mário de Andrade é a diferença entre lirismo e poesia, tese que está esboçada no *Prefácio Interessantissimo*, volta na *Escrava que não E' Isaura* e reaparece em *Clã do Jabuti*. A sua tese é que arte resulta da soma de necessidade de expressão, mais necessidade de comunicação, mais necessidade de ação, mais necessidade de prazer. Em *Aspectos da Literatura Brasileira*, Mário volta a explicitar a sua velha tese da diferença entre lirismo e poesia.

Outra tese andradina, capital para o modernismo, é a da integração da variante coloquial na língua literária, a elevação dos registros semiformal e pessoal à categoria de arte. E chegamos à tese do *polifonismo*, proposta no *Prefácio Interessantissimo*. Polifonismo ou simultaneidade. Trata-se da ruptura da frase discursiva, da desarticulação, da desintegração. Inspirou-se para isso nos processos de composição musical, em que era mestre. "A palavra sôlta é fecundante."

O efeito da simultaneidade não se realiza, diz Mário, em cada sensação insulada, mas na sensação complexa total final. A diferença entre o sonêto e o poema modernista está na polifonia. Ao ritmo de concatenação de idéias (melodia) opõe-se a superposição ou polifonia. Passamos da sucessividade à instantaneidade ou simultaneidade.

Mário diz que não copia: segue. E, no próprio *Prefácio Interessantissimo* nos fala da revista *L'Esprit Nouveau*, em que se inspirou expressamente, revista que vem das idéias de Le Corbusier. Mário cita no prefácio, Paul Dermée: "Lirismo mais arte igual à poesia." Na *Escrava que Não E' Isaura*, retomaria a tese de Dermée, que lera em *L'Esprit Nouveau*, para modificá-la, ampliando-a: "Lirismo puro mais crítica mais palavra igual a poesia."

A polifonia poética ou simultaneismo está na base de tôda a revolução modernista, com o verso livre ("as palavras em liberdade"), o choque, a surprêsa, o humor, o prosaico, o efeito visual. Embora anti-romantico, o modernismo brasileiro é simultaneamente um neo-romantismo e um neo-simbolismo.

O Brasil brasileiro

Mário de Andrade poderá dizer, como síntese, em 1942: "O movimento modernista foi o prenunciador e, por muitas partes, o criador de um estado de espírito nacional. A transformação do mundo bem como a formação da consciência brasileira impunham a criação de um espírito nôvo e exigiam a reverificação e mesmo a remodelação da inteligência nacional." "Há um mérito nisto, embora os primeiros modernistas das cavernas tenhamos como que apenas servido de alto-falantes de uma fôrça universal e nacional muito mais completa do que nós."

Mário fará o grande libelo, o grande panfleto, que é *Macunaíma*. "Debaixo do Brasil de fisionomia externa, existia um outro Brasil, de enlaces profundos, por descobrir." O Brasil brasileiro, o Brasil totêmico, o Brasil atávico, o Brasil desconhecido, o Brasil obscuro, o Brasil autêntico emergia.

Arte é liberdade.

BOITES & RESTAURANTES

200 MILHAS DE PROTEÍNAS E FARTURA DO MAR BRASILEIRO

Príncipe Real

"O PRINCIPE DAS PEIXADAS"

Ninguém entende melhor de peixadas do que o PRINCIPE REAL

UM RESTAURANTE DE CATEGORIA INTERNACIONAL NA MAIS BELA PRAIA DO MUNDO

Av. Atlântica, 974 (Leme)

flag LUIZ CARLOS VINHAS QUINTETO e ROSE

R. Xavier da Silveira, 13 — Tel.: 255-0735

LAPA (EX-CHURRASCARIA PASSEIO) RUA DO PASSEIO, 70 TEL. 242-0111

JOSÉ FERNANDES apresenta em seu 10.º mês de sucesso

Todas as noites 2 shows diferentes.

Estréia hoje Julie Joy, Juan Daniel, Perez Moreno, Geisa Reis, Luiz Cesar e Maria Carolina.

Orquestra típica e 2 conjuntos dançantes.

No almôço preço único 12,00.

BOITE MACUMBA (Barra da Tijuca)

TEL.: 399-1368 — SEM CONSUMAÇÃO

apresenta um show de música, humorismo e belas mulheres

FELIPE CARONE — IVAN SENNA — ARY FONTOURA

e suas sexionais macumba girls em

TV MACUMBA — CANAL 7

Texto de Ary Fontoura e Ivan Prieto.

De 3a. a 6a.-feira: 0,30 hs. — Sábado: 1 h. — Domingos: 24 hs.

ASSYRIUS o bar mais sofisticado da américa latina

AV. RIO BRANCO, 277 • subsolo • Tel. 232-7899

Almôço dançante, com buffet frio, a partir das 11 hs., com o maître Carlos Mello. Show de go-go girls a partir das 18 hs.

Monsieur Rujol

LENY ANDRADE PEDRINHO MATTAR TRIO

ROSINHA DE VALENÇA — CELINHO & CONJUNTO — MIRZO BARROSO — MIELE

RUA ANIBAL MENDONÇA, 36 — Tel. 287-0105

OPEN bar & restaurante

Rua Maria Quitéria, 83 — Pça. N. S. da Paz — Tel.: 287-1273

pratos deliciosos e preços acessíveis se aliam à cozinha internacional do

restaurante do — senac

aberto diàriamente, exceto domingos de 11 às 14 hs. e de 19 às 21hs.

Rua Pompeu Loureiro, 45

Forno & Fogão

RESTAURANTE

PIANO — BAR

Com ZÉ MARIA

e seu PIANO BEM TEMPERADO

RUA SOUZA LIMA, 48

COPACABANA — Tel.: 287-4212

Estacionamento fácil na Av. Atlântica e na própria Souza Lima.

SUCATA SUCATA SUCATA SUCATA SUCATA SUCATA

Sargentelli 15.º MÊS DE SUCESSO! na SUCATA

ZIRICUIDUM, Oi CADA DIA UM SHOW DIFERENTE COM AS MELHORES ATRAÇÕES DO SAMBA BRASILEIRO E AS MULATAS QUE NÃO ESTÃO NO MAPA

Espetáculos às 2as.-feiras, matinê às 5as. às 17 hs. Couvert: Cr$ 20,00 todos os dias. Res.: 227-3589 e 227-6686

2 SHOWS DIÁRIOS: 22 hs. e 24 hs. Aberto desde 21 hs.

GAÚCHA

Especializada em servir aos exigentes. Autêntica até no nome.

Rua das Laranjeiras, 114. Tel. 245-2665

BENÉ NUNES FOSSANOVA

SOMTERAPIA TRIO — ZÉ MARIA TRIO

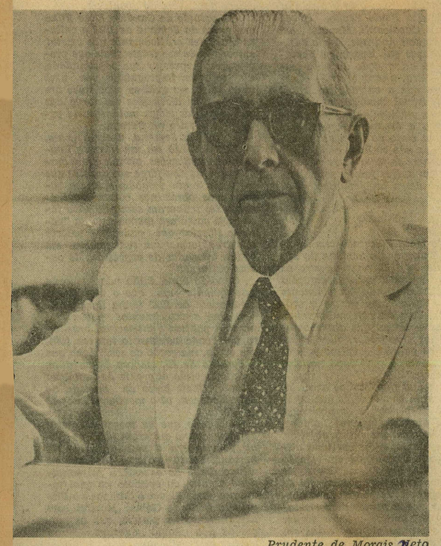
Av. Atlântica, 4206 — Esq. Joaquim Nabuco

Pôsto 6 — Tel.: 247-8274

SBH Pt29 P59

ORAIS, NETO

ÊNCIA PROCLAMADA



Prudente de Morais, Neto

que ocorria no país e no quanto isso, o pensamento ava saltos incríveis, a I dial tinha lançado desafios obrigaram os intelectuais a vários dos seus critérios e o uma geração de revoltosos a tradicional não conseguia

dêsse panorama, quando os brasileiros resolveram se vol- a realidade, diz Prudente de o que o primeiro elemento sentaria, logicamente, "seria la situação, nosso país, nosso cultura."

a exigência de nos voltarmos asil, de julgarmos nossa vida de-vista brasileiros, deixando critérios externos que asfixia- criação artística. A grande o do modernismo foi exata- permitir que nos olhássemos es olhos e que nos respeitás- s, afirmando como legítima da nossa tradição, do nosso r as coisas.

Ligações

te não participa da opinião ossa estabelecer uma ligação direta entre a Semana de Arte Moderna e o movimento tenentista. Admite que houve apenas uma coincidência: cada um no seu meio, no seu setor, era revolucionário. O tenentismo vinha de uma insatisfação determinada, foi revolucionário porque não encontrou outro meio de dar vazão aos seus anseios. "Foi uma espécie de contraponto da Semana."

— Vista 50 anos depois, a Semana foi um sucesso. No momento em que se realizou, entretanto, foi um fracasso do ponto-de-vista popular. Foram poucas as pessoas que tomaram conhecimento de sua pregação, mas as pessoas que deveriam ser atingidas acabaram sendo ganhas para as posições que o modernismo defendia. Não se pode dizer que depois da Semana houve movimento organizado que equivalesse a êle, pelo simples fato de que engiobava todos os setores, liberando a todos dos entraves. Mas houve movimentos isolados, alguns resultantes de transformações de fato, da introdução de novos meios técnicos, como o cinema, o disco, etc. O que se chamou de cinema nôvo é um bom exemplo.

Prudente de Morais Neto afirma que a Semana de Arte Moderna, na forma e no clima de 1922, jamais poderá se repetir. "Ela é assim como a Independência: uma vez proclamada não há mais o que fazer, a não ser consolidá-la."

TARSILA DO AMARAL

O CARNAVAL PERMANENTE

TARSILA do Amaral não viu nada do que aconteceu em São Paulo em fevereiro de 1922, embora soubesse de tudo desde janeiro, mas foi das participantes mais ativas de uma Semana que durou pelo menos oito anos.

A pintora estava em Paris quando recebeu uma carta de sua amiga Anita Malfatti contando que se encontrava em preparativos um movimento artistico destinado a escandalizar a capital bandeirante. Ao retornar, naquele mesmo ano de 1922, conheceu Osvald de Andrade, Mário de Andrade e Menotti del Picchia e aderiu ao movimento.

As conseqüências

Uma das mulheres mais lindas do seu tempo, caso sentimental de Osvald de Andrade, Tarsila do Amaral, embora ausente em fevereiro de 1922, é hoje tão importante historicamente como qualquer dos principais líderes do movimento. Ela relembra com entusiasmo aquela época agitada.

— Ouvi dizer do escandalo que havia sido a Semana, assunto proibido perto de crianças e môças em casas de família. Os futuristas eram xingados de imorais. Fiz Anita, Menotti, Mário e Osvald me contarem tudo direitinho.

A idéia inicial era de um festival na Editôra O Livro, onde seria realizada um amostra de Di Cavalcanti. Depois, veio a adesão do escritor Graça Aranha, que voltava da França repleto de planos de reforma da cultura. Seguiu-se a ajuda do mecenas Paulo Prado, filho de tradicionalissima casta paulista, a escolha do Municipal para a festa futurista e o patrocinio financeiro dos Penteado, Marcelo Soares, Prado, Rodrigues Alves.

Tarsila do Amaral

— Aquêles dias 13, 15 e 17 de fevereiro — garante Tarsila do Amaral — fizeram com que muito modernista perdesse o emprêgo, mas foram, sobretudo, uma vitória: acabara o domínio da estética parnasiana. Foi um carnaval intelectual permanente até 1930. Só que a elite, que aplaudira no começo, agora tapava o nariz, como se estivéssemos cometendo pecados atrozes e sem perdão. E estávamos: comíamos, bebíamos e respirávamos arte moderna, e isso assustava mesmo os bem-pensantes.

As reuniões

Na Rua Lopes Chaves, casa de Mário de Andrade, onde o grupo se reunia, "era proibido falar mal da vida alheia", pois os temas se resumiam ao futurismo nascente. Os vanguardistas iam aos aristocráticos salões de Dona Olivia Guedes Penteado ou de Paulo Prado jogar pôquer e discutir novas técnicas artísticas, ou se encontravam no atelier de Tarsila, sob o comando dos mosqueteiros do futurismo — Mário, Osvald, Anita e Menotti.

Tarsila, a doce e meiga musa osvaldiana, lembra que Osvald comprou um Cadillac verde, "o único na época com cinzeiro, e os cinco saíamos para o alto da serra ou para a praia de Santos, a recitar e a cantarolar. A Antropofagia, em 1928, originou-se de um quadro da pintora, O Abaporu Antropófago: *"o monstro solitário, pés enormes, sentado na verde planicie, o braço dobrado sôbre um joelho, a mão sustentando o pêso-pena da minúscula cabeça; em frente, um cacto explodindo numa flor absurda."*

— A pintura pau-brasil foi obra minha, na base de colorido vivo a dar tom popular aos motivos caipiras, de nativismo forte, típico de exportação — narra Tarsila.

Em 1927, com Mário de Andrade e Dona Olivia Penteado, ela fêz uma viagem ao Amazonas que teve grande influência em seus trabalhos posteriores.

Ela relembra, com tristeza, a briga que separou Mário de Osvald. A desavença teve inúmeras razões: negócios que envolviam o segundo contra a opinião do primeiro, o movimento antropofágico recusado por Mário e as diferentes opções ideológicas que a década de 30 oferecia. De tudo isso adveio um rompimento que jamais permitiu reconciliação.

— Mário é que não quis nunca reconsiderar. Osvald pediu, e só depois de Mário ter afirmado que o conflito implicava profundas questões morais é que Osvald deu a célebre resposta: que havia, de fato, problemas morais de Andrade.

Tarsila acha que o modernismo cumpriu sua missão com eficiência, abrindo campo para a pesquisa permanente. Mas acredita que em 1922 a etapa foi principalmente de superação do atraso intelectual, "muito grande inclusive entre os modernistas."

— Na área das artes plásticas, onde ninguém entendera o cubismo, o que então havia de moderno era mesmo Anita Malfatti. Gostei muito do nôvo encontrado a seguir em Di Cavalcanti e, afinal, em Portinari.

LMEIDA

BERTA DO BRASIL

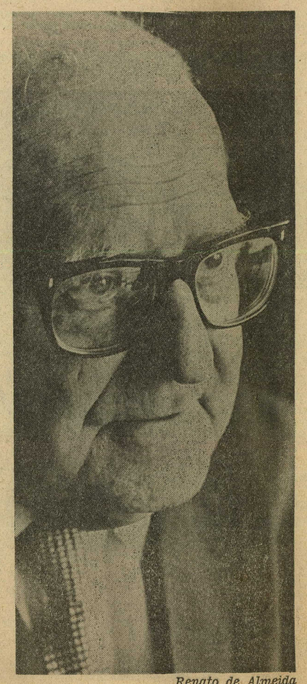
idade de ser criada e fôsse brasileira e, amente nova, "Esse — que podemos con- e básico — que nos mos a fazer, cada , uma redescoberta

a se impôs, se rea- e projetou no senti- e um modêlo. Cada a maneira e a seu timos logo que nós a razão e era pre- rasil nôvo, buscando que nêle encontrá-ançar os objetivos.

dências

e Almeida não tem o esfôrço triunfou, a influência da Se- cultural brasileira anos "imensa, enor- Acha que nela nada foi demais, que seu foi o revolucionário, direito de "criar à e a prova é que te- e artes brasileiras, icas perfeitamente

estávamos fechados , estávamos unidos a. Em pouco tempo nós mesmos não ti- isão igual da reali- l buscava, por assim idade diferente. Pa- os que buscar o que e só brasileiro. Vie- as da antropofagia, outras semelhantes, e julgavam que de- ar o patrimônio da ntinuava, entretan- muitos de nós. Mas rtava. Os princípios se conservaram, es- rão sempre, mesmo rmos transformado ão diferente.



Renato de Almeida

JOAQUIM INOJOSA

A DECENTRALIZAÇÃO DA CULTURA

UMA viagem a São Paulo em outubro de 1922 e uma amizade que começou com Menotti del Picchia e se prolongou em Osvald de Andrade converteram ao modernismo um jovem estudante de Direito, pernambucano, autor de um livro de contos, e o fizeram pregador das novas idéias no Nordeste.

Joaquim Inojosa, então com 21 anos, regressou a Recife com a revista *Klaxon, Paulicéia Desvairada, Os Condenados, O Homem e a Morte* e mais alguns livros da renovação nascente e começou a sua pregação. No Nordeste o grito da Semana ainda não fôra ouvido e os ecos lá chegados ficaram abafados com as comemorações do centenário da Independência.

Adesões

Um ano depois de convertido ao modernismo, Joaquim Inojosa publicava a revista *Mauriceia*, no Recife, a segunda modernista no Brasil. Considera também muito importante a carta literária *A Arte Moderna*, que dirigiu à revista paraibana *Arte Nova*, convidando os intelectuais daquele Estado a aderirem ao movimento.

— José Américo respondeu que "não era infenso ao espírito nôvo" e começava a elaborar o que seria quatro anos depois *A Bagaceira*. Em Natal, o jovem Luis Camara Cascudo anunciava que havia arrebanhado Otoniel Meneses, Jorge Fernandes, Luis Tôrres, Joaquim Vanderlei, todos os "grandes nomes das 14 patas do sonêto." Em Belém do Pará, Bruno de Meneses criava, em tôrno da recém-fundada revista *Belém Nova*, o chamado Grupo do Pará, integrado por poetas, prosadores e artistas, todos animados pelas repercussões surgidas com a reação pernambucana.

Inojosa conta que em 1924 as posições em Recife já se haviam definido: Austro Costa e Raul Machado, um parnasiano e outro simbolista, aderiram ao modernismo, que era combatido por João Barreto de Meneses, Oscar Brandão, Faria Neves Sobrinho, Gilberto Freire, Costa Rêgo e outros. Mais tarde aderiu Ascenso Ferreira, que começou a escrever *Catimbó*, editado em 1927.

— Proveio da Semana de São Paulo tôda a influência para a renovação da literatura nordestina, a partir do ano de 1922, incluindo nisso Belém e Manaus, até atingir o grande surto da geração posterior a 30. No romance foram José Américo e Raquel de Queirós os precursores; na poesia, Ascenso Ferreira, em Pernambuco, Bruno Meneses, no Pará, Jorge de Lima, em Alagoas e Jorge Fernandes no Rio Grande do Norte.

Avaliação

Joaquim Inojosa está convicto de que a Semana de Arte Moderna resultou sobretudo da necessidade de demonstrar publicamente as idéias renovadoras que se pregavam em redação de jornal, reunião de boêmios e conversas de rua.

— Havia uma grande reação de parte da burguesia aristocrática de São Paulo contra o sôpro de idéias novas do pós-guerra. Reagiram os jovens, em praça pública, que foi o Teatro Municipal, e foram vaiados, isto é, consagrados, que o desprêzo também consagra.

Na sua opinião, além do sôpro renovador, a Semana trouxe duas influências decisivas: o nacionalismo e a descentralização da cultura. Cita Mário de Andrade, ao ler *Meu*, de Guilherme de Almeida: "Talvez o que apresentam de mais curioso os livros do modernismo brasileiro, à medida que êle se alastra e fundamenta, é a aspiração brutaça de nacionalidade revelada pelos autores dêles."

— A maior falha da Semana residiu na falta de *ordem cultural*. Faltou-lhe sistema. Graça Aranha tentou indicá-lo, mas os jovens lhe repudiaram as idéias. Não o quiseram para filósofo do movimento. Isto, aliás, ficou bem definido naquela frase de que "sabiam o que era preciso destruir, sem noção do que fôsse necessário construir."

Inojosa afirma que nenhum movimento organizado existiu no Brasil, depois disso, no plano cultural, que possa ser comparado à Semana de 1922. Considera impossível recriá-la, por falta de condições emocionais e de liberdade para fazê-lo.

— Desde 1930 que a liberdade de expressão passou a sofrer restrições — aliás em tôda parte do mundo — e sem ela, na amplitude de 1922, nenhuma Semana poderia se organizar. Sem os dois citados impulsos — emoção e liberdade — a tentativa de um movimento equivalente ao da Semana de Arte Moderna afundaria no fracasso, como aconteceu com a chamada "geração de 1945."

BBH
PR29 P59

A S

MEIO ano e
independ
São Paulo
Graça Aranha e
de Arte Moderna
cuja significação
e seu ajuntamento
fato isolado. Hou
ruído, as exposiçõ
ta Malfatti e Vito
e 1920, e a sess
importa, afinal,
nha ido a São Pa
cios de café ou
Prado, irmã de
a mulher de Pau
A Semana era um

No ano de 1
menos sete livros,
transição violenta
de Raul de Leo
de Hermes Fonte
despedida, um a
suas formas gast
clichês, suas limi
renovação espiritu
tação Moderna, d
do, e A farsa, e
mente modernos,
vald de Andrade,
Sentimentais, de
Paulicéia Desvair
drade.

Os rapazes s
que não queriam,
segurança o que
aconteceria com
1930. Havia em 1
de esgotamento d
cidas. Não, não
repelindo uma re
tocracia. Abaixo
que logo salta ao
a afirmação de
absoluta.

A causa d

A lei é subs
diria Graça Aran
dernismo. Em nome
mais absoluta. É
nem em São Pa
liberté est tout ce
confessa André B
valho: "Cria o
Um surto de liber
mir profunda ins
do. Um polemismo
mento *contra*, ist
passadistas. O m
valor em si. O qu
da Semana, funda

BOITES & REST
200 MILHAS DE PRÓTEINAS E FA
Prin
"O PRINCIPE DA
Ninguém entend
peixadas do que o
UM RESTAURANTE DE CATE
NA MAIS BELA PRA
Av. Atlântica,
flag LUIZ
R. Xavier da Silveira, 1

GUIOMAR NOVAIS

A ATMOSFERA DO PASSADO

O episódio da Semana de Arte Moderna que ficou mais gravado na memória de Guiomar Novais ocorreu quando ela terminou de executar a **Marcha Fúnebre** de Chopin. Graça Aranha subiu ao palco gritando que o compositor e todos os românticos clássicos deveriam ser "sepultados e esquecidos."

A intempestiva atitude do escritor foi recebida com protestos pelas torrinhas, numa manifestação que contagiou tôda a sala. O público se dividiu, com uma parte numerosa vaiando a manifestação, e o tumulto tomou conta do teatro.

Participação

Guiomar Novais participou da Semana a convite de Graça Aranha. Ela acabara de chegar dos Estados Unidos quando foi informada de que havia um movimento congregando artistas brasileiros de todos os quadrantes no sentido de melhor estruturar seus compromissos e suas características no plano nacional.

— Para melhor interessar e sensibilizar o público, precisava-se de um acontecimento, de manifestações coletivas de música, pintura, literatura, etc. No Teatro Municipal toquei, na ocasião, diversas peças de Villa-Lôbos, entre as quais o **Ginête do Pierrozinho,** da suite **Carnaval das Crianças Brasileiras — Momo Precoce — e a Marcha Fúnebre da Sonata em Si Bemol Menor,** de Chopin.

A pianista lembra que na época Villa-Lôbos era muito pouco executado no Brasil. Sua música, não filiada aos modelos estrangeiros e que se inspirava em raízes folclóricas e ritmos brasileiros, não era ainda familiar aos ouvidos da assistência. Pelo que se recorda, a reação do público foi favorável e tudo transcorreu normalmente. A atitude de Graça Aranha ela credita "aos exageros naturais de todos os movimentos revolucionários."

— Chopin foi, êle mesmo, um revolucionário em seu tempo, um inovador em harmonia, e muitos de seus achados ainda surpreendem os estudioso de nossa época. E seu nome perdura, como perdurará sempre. Bach, Beethoven, Brahms, Schumann aí estão até hoje e ficarão, por serem grandes.

Os reflexos

Guiomar Novais afirma que não se sabiam, na ocasião, as repercussões que a Semana iria ter, mas muitos de seus entusiastas acreditavam no movimento. Mário de Andrade foi um dêles.

— Lembro-me com saudades do tempo em que contava com a colaboração do meu marido, Otávio Pinto, arquiteto e também compositor, vivamente interessado em arte. Espírito privilegiado, teve participação ativa na organização do Departamento de Cultura de São Paulo, fundado por Mário de Andrade, inspirando-se no que era feito lá época em países mais adiantados para estabelecer os planos e estatutos dessa entidade.

Ela destaca que a atmosfera de 1922 era outra, bem diferente da de agora. Um concêrto, uma conferência, um simples discurso em praça pública tinha repercussão mais profunda, porque todo mundo queria presenciar.

— Não havia tantas diversões como agora: cinema, televisão, etc. Aquilo era um acontecimento: todos iam e todos comentavam, em casa, nas esquinas, participando diretamente. Tudo era mais natural, espontaneo e humano: ninguém deixava de ir a um concêrto marcado na cidade para ficar em casa ouvindo discos daquele artista ou compositor que estava se exibindo.

CÂNDIDO MOTA FILHO

A REBELDIA SEM COMPLEXOS

NA opinião de Candido Mota Filho — na época um redator do Correio Paulistano *que se ocupava de novidades literárias e deveria ler, mas não lera, no Teatro Municipal um ensaio sôbre pintura impressionista — a rebeldia sem complexos legada aos intelectuais brasileiros foi o resultado mais notável da Semana de Arte Moderna.*

Ele, que escreveu muito sôbre o modernismo e a própria Semana, fazendo sua parte na divulgação das novas posições, acha que o movimento de 1922 "permitiu a todos nós fazer arte, ser intelectual, pensar o Brasil de um angulo brasileiro, sem mêdo e sem limitações falsas."

Explicação

Candido Mota Filho foi um dos primeiros a difundir no Brasil as obras de Jean Cocteau, Giovanni Papini e outros intelectuais que movimentaram os meios artísticos europeus no começo do século. Verificou, através dêsses autores, que na Europa todos os setores do pensamento estavam sendo abalados, "enquanto no Brasil continuava dominando o academismo chato, inexpressivo, uma verdadeira repetição de banalidades já ditas em alguma parte e há muito tempo."

— Nossa crítica nos levou a um mundo nôvo, onde a liberdade de criação e o espanto diante do Brasil tinham um lugar todo especial. As restrições que faziamos à arte produzida pelos artistas oficiais se tornaram em pouco tempo verdades indiscutíveis para nós e nos animaram a caminhar no sentido de sua divulgação. E essa, em grandes linhas, a origem da Semana de Arte Moderna.

Entre os que mais se destacaram nessa pregação, "sem querer diminuir ninguém", cita Paulo Prado, Graça Aranha, Di Cavalcanti, Menotti del Picchia e os dois Andrade, Mário e Oswald. As causas que levaram à Semana, além da estagnação da vida cultural brasileira, anexa outra.

— Claro que a entrada do Brasil na era industrial também foi importante, pois a placidez do mundo agrário começou a desaparecer para dar lugar a uma visão de épocas mais dinamicas, que não tinham nada a ver com a arte que se fazia entre nós antes da Semana. Nós fomos, sobretudo, porta-vozes dessa problemática.

Revisão

Candido Mota Filho não tem dúvidas em afirmar que a Semana de Arte Moderna de 1922 revelou, para os artistas de então e para as gerações posteriores, um mundo inteiramente nôvo, que tinha como centro o próprio Brasil. Com ela reformularam-se os critérios estéticos, que antes vareciam eternos e sagrados, "dando lugar a outros padrões e outros valôres que admitissem a qualidade positiva de nossa arte."

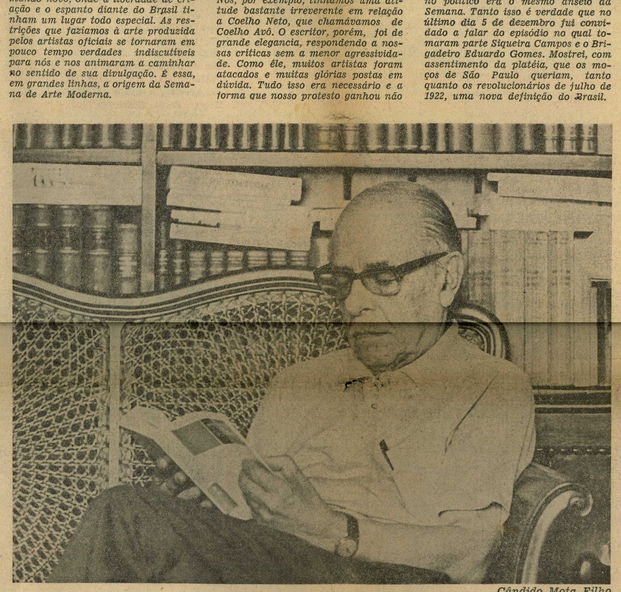
— A Semana teve muitos excessos, mas êles foram benéficos, já que a hora era de despertar as consciências. Mesmo os ataques, injustos alguns, ajudaram a alcançar nosso objetivo. Nós, por exemplo, tínhamos uma atitude bastante irreverente em relação a Coelho Neto, que chamávamos de Coelho Ano. O escritor, porém, foi de grande elegancia, respondendo a nossas criticas sem a menor agressividade. Como êle, muitos artistas foram atacados e muitas glórias postas em dúvida. Tudo isso era necessário e a forma que nosso protesto ganhou não podia ser controlada para que os excessos deixassem de acontecer.

E' opinião de Candido Mota Filho que antes da Semana de 1922 a cultura brasileira praticamente não existia, embora houvesse intelectuais que procurassem expressar sua sensibilidade. Êles estavam impregnados por uma visão falsa, na qual os problemas artísticos e as discussões em tôrno das mais variadas idéias moldavam-se pelo que era feito na Europa.

Embora a Semana, a curto prazo, tenha resultado em um número limitado de publicações, afirma que a longo prazo ela deu fôrça aos artistas que surgiram e que também queriam basear suas obras nas coisas brasileiras. Êstes trilharam caminho mais fácil, pois gastaram menos energia "para se libertar das padrões e valôres que transformariam suas obras em cópias apagadas de expressões de outras culturas."

Candido Mota Filho não concorda inteiramente em que o movimento modernista de 1922 tenha ligação direta com acontecimentos posteriores na vida política e intelectual brasileira, pois "cada movimento tem seu tom, seu estilo, sua razão de ser." Acha que a geração de 45, embora importante, teve uma visão diferente do problema artístico. Mais perto da Semana de Arte Moderna, vê o movimento dos 18 do Forte.

— Aquilo que os moços do Forte de Copacabana quiseram fazer no plano politico era o mesmo anseio da Semana. Tanto isso é verdade que no último dia 5 de dezembro fui convidado a falar do episódio no qual tomaram parte Siqueira Campos e o Brigadeiro Eduardo Gomes. Mostrei, com assentimento da platéia, que os moços de São Paulo queriam, tanto quanto os revolucionários de julho de 1922, uma nova definição do Brasil.



Cândido Mota Filho

RAUL BOPP

O RENASCIMENTO BRASILEIRO

EMBORA ausente do Teatro Municipal em fevereiro de 1922, o poeta Raul Bopp foi um dos iniciadores do modernismo no Brasil. Seu poema Cobra Norato, *"de rebeldia à Gramática", mereceu aclamação antes da Semana de Arte Moderna e serviu-lhe de passaporte quando êle se dispôs a aderir ao movimento.*

Espírito inquieto, que correu o mundo perseguindo a aventura, revezando-se em funções que foram de pintor de paredes a diplomata, Bopp não pôde presenciar as três noitadas de escândalos artísticos que representaram, "em forma embrionária, o renascimento brasileiro."

Anti-rotina

Ele explica a Semana como resultado da reunião de vários fatôres. De um lado, Paris, o centro magnético da Europa, agitando-se após a I Guerra Mundial, com uma multiplicidade de idéias e escolas artísticas. Muitos dos intelectuais brasileiros que por lá passaram voltaram contaminados por essas novidades.

Chocando-se com isso, São Paulo, o centro industrial do país, permanecia num velho conformismo, amarrado a formas antiquadas, em contradição com sua pujança econômica. Guardava posições acadêmicas, numa rigorosa sujeição aos preceitos rotineiros.

— Os andaimes se projetavam cada vez mais alto. As chaminés afirmavam a pujança industrial pelos setores urbanos. Mas o espírito moderno, em suas tímidas vacilações, não havia penetrado nos seus hábitos.

Bopp empresta particular importância à vinda para o Brasil de Paul Claudel, como Ministro Plenipotenciário da França, juntamente com Darius Milhaud, adido cultural, que em contatos com intelectuais brasileiros ajudaram a desencadear uma atitude inconformista, "mais do que oportuna," que acabou canalizada para a realização da Semana.

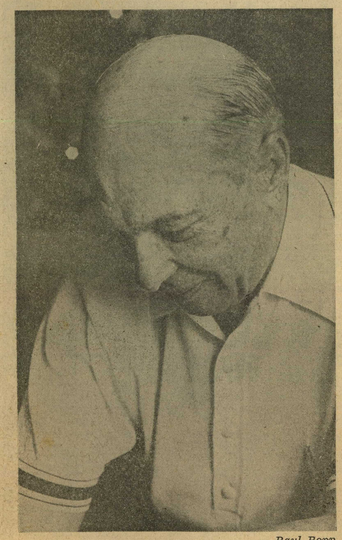
— Qualquer iniciativa avançada nos domínios da Arte, antes de 1922, que saísse dos velhos critérios estabelecidos, era esmagada implacàvelmente pelos padrões culturais dominantes. A iniciativa da realização da Semana teve méritos enormes, pois era preciso que um grupo corajoso de intelectuais se pusesse de acôrdo para enfrentar o reduto de idéias obsoletas que ainda prevalecia.

Na medida

A derrubada dos padrões estéticos retrógrados representa, para Raul Bopp, o feito mais importante da Semana modernista, pois ela abriu as portas aos intelectuais e artistas posteriores. Destaca que o movimento teve as características que o momento impunha: nada foi excessivo e nada faltou que pudesse ser corrigido. Embora reconheça que o modernismo não teve influências imediatas, afirma que êle gerou, gradualmente, e com um alcance coletivo, um conjunto de idéias básicas, coerentes com a realidade brasileira.

— Passada a fase de alvorôço, provocada pelo impacto das novidades exibidas em fevereiro de 1922, começou-se a formar uma lenta consciência do movimento. O choque das idéias de vanguarda, que teve ressonância em todo o país, lançou os intelectuais em novas posições. Consequentemente, verificou-se em vários setores o abandono gradativo dos princípios que sujeitavam as letras e a artes aos moldes formais da época. Iniciou-se um ciclo diferente, para a conquista da expressão própria, em ruptura com o conformismo acadêmico.

Afirma Raul Bopp que a partir da Semana de Arte Moderna um espírito jovem alastrou-se, com entusiasmo, por vários recantos do país, sob o impulso de novos ritmos construtivos. Ele foi ponto de partida para escritores e artistas irem-se buscando aos poucos, com uma nova compreensão do momento. Esse processo nunca mais parou e "é o atestado da contribuição do movimento para o desenvolvimento da nossa cultura."



Raul Bopp

MENOTTI DEL PICCHIA

UM GRITO RADICAL DE RENOVAÇÃO

MENOTTI del Picchia, um tabelião que aos 80 anos ainda trabalha cêrca de 8 horas por dia, sustenta convicto que o modernismo não surgiu com as noitadas de fevereiro de 1922, mas sim um ano antes, com o Manifesto do Trianon.

No dia 9 de janeiro de 1921 — narra o poeta — durante o banquete que me foi oferecido por amigos no Trianon, a propósito de meu poema **As Máscaras,** Osvald de Andrade discursou ao me entregar a face que Victor Brecheret esculpira. Isso e a minha resposta de agradecimento, ao lado do artigo meu **Na Maré das Reformas,** dias depois, configuram o que o historiador número um do movimento modernista, Mário da Silva Brito, denomina Manifesto do Trianon.

As origens

"As raízes do movimento, na opinião de Menotti del Picchia, antecedem o banquete e os discursos. Estão em 1920, quando êle encontrou Osvald incorporado ao grupo parnasiano de Emilio de Meneses. Osvald, que defestara os versos de **Moisés,** entusiasmou-se com **Juca Mulato** e Menotti lhe propôs partirem "para uma renovação cultural em regra."

— As históricas manifestações de fevereiro de 1922 foram apenas, por assim dizer, a representação pública e material do grito radical de renovação técnico-estética de todos os valôres que defendi no início da década, ao lado de Osvald de Andrade.

Líder do Govêrno Washington Luís na Assembléia do Estado e redator político do jornal situacionista **Correio Paulistano,** Menotti del Picchia foi quem conseguiu o Teatro Municipal para sede da Semana de Arte Moderna.

— Paradoxalmente consegui que o homem-chave do todo-poderoso Partido Republicano Paulista, então orientador supremo e ditatorial da política brasileira, colocasse desde o começo da nossa rebelião o grande matutino ultraconservador a serviço de um movimento nitidamente revolucionário, que iria romper com as estruturas do oficialismo intelectual. A Semana foi a grande reformulação cultural dêste país, consequência direta da gradativa industrialização de São Paulo e das necessidades, que se sentia serem nacionais, do estabelecimento de uma consciência criativa que derrubasse de vez com as fórmulas e os canones ligados ao passado moribundo.

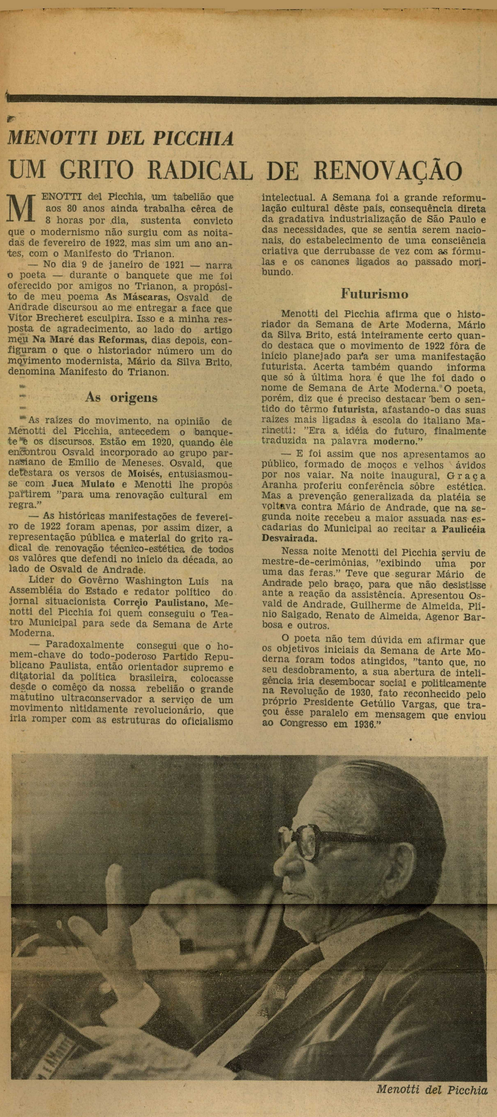
Futurismo

Menotti del Picchia afirma que o historiador da Semana de Arte Moderna, Mário da Silva Brito, está inteiramente certo quando destaca que o movimento de 1922 fôra de início planejado para ser uma manifestação futurista. Acerta também quando informa que só à última hora é que lhe foi dado o nome de Semana de Arte Moderna. O poeta, porém, diz que é preciso destacar bem o sentido do têrmo **futurista,** afastando-o das suas raízes mais ligadas à escola do italiano Marinetti: "Era a idéia do futuro, finalmente traduzida na palavra **moderno.**"

— E foi assim que nos apresentamos ao público, formado de moços e velhos ávidos por nos vaiar. Na noite inaugural, Graça Aranha proferiu conferência sôbre estética. Mas a prevenção generalizada da platéia se voltava contra Mário de Andrade, que na segunda noite recebeu a maior assuada nas escadarias do Municipal ao recitar a **Paulicéia Desvairada.**

Nessa noite Menotti del Picchia serviu de mestre-de-cerimônias, "exibindo uma por uma das feras." Teve que segurar Mário de Andrade pelo braço, para que não desistisse ante a reação da assistência. Apresentou Osvald de Andrade, Guilherme de Almeida, Plínio Salgado, Renato de Almeida, Agenor Barbosa e outros.

O poeta não tem dúvida em afirmar que os objetivos iniciais da Semana de Arte Moderna foram todos atingidos, "tanto que, no seu desdobramento, a sua abertura de inteligência iria desembocar social e politicamente na Revolução de 1930, fato reconhecido pelo próprio Presidente Getúlio Vargas, que traçou êsse paralelo em mensagem que enviou ao Congresso em 1936."



Menotti del Picchia

PLÍNIO SALGADO

AS DUAS FACES DA MOEDA

O antigo chefe nacional do integralismo, *Deputado Plínio Salgado, está convicto há bastante tempo de que "o Brasil nôvo, prenunciado pelo ciclo tenentista, foi obra da Semana de Arte Moderna, sobretudo dos nacionalistas que fizeram do modernismo a bandeira dos ideais revolucionários."*

Tendo participado dos acontecimentos de fevereiro de 1922, Plínio considera que a Semana e o levante dos 18 do Forte de Copacabana, que teve lugar meses depois, são duas faces de uma mesma moeda: a profunda dicotomia que havia entre o Brasil-sertão e o litoral sempre voltado para as novidades de fora.

Imitação

Plínio Salgado não reivindica originalidade para a ligação que estabelece entre a Semana e o movimento tenentista que pouco depois começava. Apenas acha que nem todos — ou quase todos — tomaram conhecimento disso àquela altura. Afirma que o movimento, sem fundamentação filosófica, nascia precisamente da macaquice nacional ante a necessidade de copiar os mais recentes ismos estrangeiros. Mas o tempo nôvo, prenunciado nas três noites da Semana, iria desaguar na Revolução de 1930 e no deslocamento do eixo da política brasileira do regime rural para o da industrialização urbana.

— A nova literatura e a nova arte surgiram contra o ambiente de marasmo em que viviamos, entregues ao fox-trot e ao abuso dos tóxicos. Foi, de repente, um banho de Brasil, apesar do futurismo, dos cubistas mal-avisados e das comodidades da cidade grande.

Recorrendo a Mittermeyer e ao problema da prova, Plínio Salgado mostra que qualquer acontecimento, presenciado por numerosas testemunhas, acaba sendo contado de inúmeros modos, dependendo da quantidade de pessoas que o testemunharam.

— A realidade que cercou a realização da Semana de Arte Moderna tem tantas interpretações quantas sejam as verdades que queiram ser veículos de uma análise global ou específica do movimento. 1922 é como os Evangelhos. O básico está no texto dos quatro evangelistas, mas o horário, o lugar e as circunstâncias variam em todos. A concordância é tão-somente, no que há de substancial.

Uma versão

Segundo êle, havia, de fato, uma ansia enorme de renovação entre os artistas e intelectuais. E êsse estado de espírito revolucionário, mobilizando o eixo Rio—São Paulo, só pode ocorrer porque pairava no ar uma atmosfera nativa — "sufocada, envergonhada, tímida, hesitante" — e sem a qual, sustenta Plínio Salgado, "queiram ou não os arautos da importação estética, não teria sido possível a Semana e, em seguida, a definição modernista."

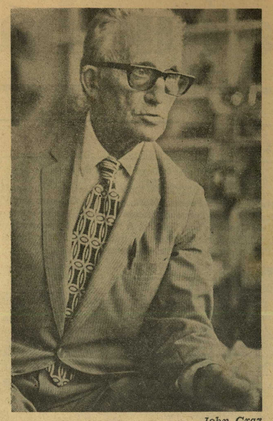
— O ato no Teatro Municipal constou de declamação de poemas — eu mesmo li um de que não me recordo — de leitura de prosa e de música (no horizonte a estrêla de Villa-Lôbos). Lembro que estavam presentes Menotti del Picchia, Osvald e Mário de Andrade, Graça Aranha (erigido em apóstolo de idéias novas que jamais efetivou, nem quanto à forma nem quanto ao conteúdo), Guilherme de Almeida, Anita Malfatti, Di Cavalcanti, Brecheret e, colaborando, Guiomar Novais.

Lembra que a rebelião se alastrou rápidamente por tôda a nação. Foi quando se definiram as diferenças de ruta, em justaposição e em contraposição à furiosa reação já manifestada pelo público que compareceu e lotou o Municipal. Mário criou o Macunaíma para retratar a falta de caráter do brasileiro. Osvald, antes de engendrar a Antropofagia, inventou o pau-brasil. Guilherme elaborou a elegancia. O mesmo se deu com o grupo carioca — Ronald de Carvalho e os outros. Para Plínio Salgado todos eram futuristas, dadaistas, expressionistas, impressionistas, abstratos mas, no fundo, verdadeiros nativos.

— A êsse tempo, poetas e escritores que se encontravam diàriamente na redação do Correio Paulistano, *o sizudo órgão governamental, procuravam conduzir o modernismo para a esfera política. Cumpria-nos aproveitar o deixar-se ser marioandradino, o nacionalismo indígena osvaldiano, a mensagem de Anita e sobretudo de Tarsila, a lição musical de Villa-Lôbos, o regionalismo nordestino e do Rio Grande do Sul, e temática prodigiosa da Amazônia, e partir para desenvolver a realidade nacionalizante.*

Justifica a existência do Grupo Verde e Amarelo como necessidade urgente dêsse desenvolvimento. Pensavam como êle Menotti del Picchia e Candido Mota Filho. Mais tarde Cassiano Ricardo juntou-se ao movimento e o adesão de Alfredo Elias Júnior completou o quinteto.

— O que nós, os verde-amarelistas, fizemos depois de 1930 e como pudemos construir um Brasil nôvo dá uma idéia de como redimensionamos 22 e do que a Semana representa para nós, em têrmos de conciliar as investigações sociais da anatas inaftucionais da arte e da cultura.



John Graz

JOHN GRAZ

A FESTA DOS ESCRITORES

JOHN Graz, pintor e decorador nascido na Suíça há 81 anos, é um dos poucos remanescentes da Semana de Arte Moderna em atividade. Êle chegou ao Brasil em 1920, não para se engajar em movimento artístico e nem mesmo para ficar. Pretendia apenas se casar com Regina, filha do Ministro Gabriel Gomide, que conhecera na Suíça.

Com dois anos de estudos de técnica de cartaz de propaganda em Munique, ex-aluno de Gilliard e Vernet na Escola de Belas-Artes de Genebra, Graz vinha de uma bôlsa-de-estudo de três meses na Espanha. Em dezembro já estava expondo em São Paulo uma série de telas que apresentavam "um desequilíbrio de linhas muito acentuado, próprio das primeiras eras", segundo o crítico Geraldo Ferraz.

O encontro

A primeira mostra de John Graz não foi muito bem recebida pela crítica, mas o consul da Suécia resolveu encomendar-lhe uma série de trabalhos de decoração que o ocuparam por quatro meses. Recorda Graz que foi aí que conheceu Osvald e Mário de Andrade e êles o encaminharam a outros intelectuais inconformistas.

— Eu acompanhava os movimentos modernos no mundo, e o que havia de mais moderno era exatamente o futurismo — conta o pintor, lembrando que foi exatamente o primitivismo observado pela crítica em seus quadros que chamou a atenção de Mário e Osvald. Esse aspecto foi mencionado por Osvald no famoso discurso de saudação a Menotti del Picchia no Trianon, em 1921.

O catálogo da exposição de 1922, com capa de Di Cavalcanti, registra as seguintes obras de Graz: **Missa no Túmulo, São Francisco Falando aos Pássaros, Retrato do Ministro, Natureza Morta** (2), **Paisagem Suíça e Paisagem da Espanha** (2).

— As telas mostradas no Teatro Municipal durante a Semana eram de minha fase européia, de tendência pós-impressionista. Isso não significa que mostrei, naquelas noites de festa do fevereiro modernista, o que havia de menos vanguardista em minha obra. Eu chegara ao Brasil trazendo o meu impacto, a surprêsa diante dos novos padrões, a disposição de inventar e de refazer. Do ponto-de-vista pictórico, pude manifestar minha liberdade de criação. O importante era pintar e ser livre para exibir o resultado. Eu tinha consciência de estar vivendo o nascer do Nôvo.

A temática

Estruturalmente, o que John Graz exibiu na Semana de Arte Moderna — quadros figurativos, com esquema de composição fixado em transfigurações paralelas — foi considerado tão interessante como a qualidade das obras, colocadas no mesmo nível dos trabalhos de Anita Malfatti, Zina Aita, Rêgo Monteiro e Di Cavalcanti.

A preocupação cromática era um exercício técnico apreciável. A técnica simples destacava a figura como esbôço da imagem; ora um retrato humano, ora a paisagem: um bloco coeso, partes distintas ligadas unitàriamente pela magia da estilística.

— A Semana foi um milagre, que aconteceu certo no instante preciso. Ela acordou os artistas, nos reuniu e possibilitou a defesa dos caminhos modernos que queríamos trilhar.

John Graz acha que 1922 foi o movimento-base de rebeldia das artes plásticas na luta contra as limitações academicistas. Acrescenta, porém, que embora a Semana tenha sido coordenada por Di Cavalcanti, "os artistas plásticos não tiveram nela a mesma fôrça e o significado dos literatos."

— Nós vibramos juntos, brigamos, criamos, entramos nela com vontade. Mas a festa foi dos escritores. Não se entendia de pintura naqueles tôdos, nem ninguém comprava quadros, a não ser uma elite reduzidíssima. Mas mesmo — e sobretudo — esta nada queria com a arte moderna. Só os acadêmicos tinham vez, e ainda assim passariam fome se tivessem que viver de pintar.

Assinala que os efeitos da Semana de Arte Moderna sôbre as artes plásticas foram muito lentos. Êle teve que deixar de lado a pintura para poder sobreviver e dedicou-se a projetar interiores, e a pintar afrescos e painéis. Foi muito requisitado: por Roberto Simonsen, pelos Lunardelli, pelos Cerqueira, os Prado, os Penteado. Mas a quase totalidade dêsses trabalhos acabou esmagada pelo progresso, com os arranha-céus tomando o lugar das velhas mansões.

Em 1968 John Graz voltou ao cavalete. Hoje tem quase 300 telas, tôdas elas pesquisas de formas, côres e construções. Do figurativismo à abstração geométrica, do concreto ao informalismo, procurou dar em sua obra, "de certo modo, um prosseguimento à Semana de 1922."

CASSIANO RICARDO

A AUTENTICIDADE AMERICANA

O poeta Cassiano Ricardo, uma adesão tardia à Semana de Arte Moderna, confessa hoje que "a posse do que somos e valemos, sob o aspecto formal e de conteúdo nas artes e nas letras, foi a conquista permanente do modernismo, juntamente com o direito constante à pesquisa."

Embora só três anos depois tenha assimilado e aderido ao movimento, Cassiano Ricardo foi um dos líderes brasileiros da arte moderna, formando com Menotti del Picchia, Plínio Salgado e Candido Mota Filho no chamado Grupo Verde e Amarelo, a primeira dissidência do movimento de 1922.

O positivo

Considera Cassiano Ricardo que o movimento deixou saldo altamente positivo e existem muitas conquistas a destacar. Digno de referência especial, no seu entender, foi o aparecimento das Brasilianas e documentos brasileiros, "sistematizados em magníficas coleções sôbre o Brasil, no original, e sua problemática encarada em alto nível sociológico, político, histórico, étnico, ecológico e econômico."

Lembra que a primeira colecção foi organizada e publicada pela Editorial Hélios, sua e de Menotti, compreendendo romance social, antropologia, poesia e história da formação do povo e da nacionalidade.

— A permanência de 1922 está principalmente na criação de uma nova mentalidade pragmática, mais apropriada ao nosso papel de nação que tem algo a dizer ao mundo. O melhor da Semana se encontra no clima cultural em que floresceu hoje idéias de beleza e de justiça, que abrem espaço a um sistema de vida capaz de superar coletivismo e individualismo pela síntese e conciliação.

Dá como exemplo o manifesto do Grupo Bandeira, assinado por Mário de Andrade, Paulo Prado, Guilherme de Almeida, Ancantara Machado e outros.

— Fala-se muito em democracia social, mas não foi outra coisa o que pretendeu êsse grupo já em 1936, sem recorrer a figurinos inadaptáveis ao corpo e à alma do país.

A adesão

Cassiano Ricardo revela que a Semana de 1922 lhe pareceu, no início, "mais uma loucura sem sentido nem princípios", mas acabou aderindo na busca de uma forma artística que lhe permitisse descobrir e revelar o Brasil verdadeiro.

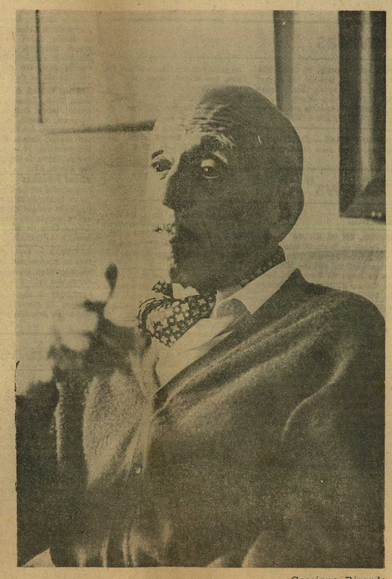
— Minha atitude inicial, por falta de informação imediata, em 1923, quando regressava do Rio Grande do Sul, foi de reserva e desconfiança ao modernismo polêmico: primeiro precisei inteirar-me dos propósitos em equação. Depois de ter visto que os iniciadores do movimento estavam certos, dei-lhes o meu leal concurso.

Êle destaca que não foi uma adesão cega, pois não concordava que se ficasse a importar tudo quanto era ismo internacional, a pretexto de inovar a arte. Queria que a Semana "se coroasse de brastilidade radiosa."

— Entrei numa corrente dissidente, o verde-amarelismo, e depois no Grupo Anta, mais dissidente ainda. Nossa oposição ao futurismo italiano, ao expressionismo alemão e ao dadaismo francês era frontal. Reivindicávamos a necessidade da originalidade, mas sem desrespeitar o que é básico em cada questão estudada: o verde-amarelismo como cartaz brasílico e a anta como tótem da raça tupi, a cultura indígena como base da autenticidade americana.

O poeta afirma que sua invenção do linossigno, que Eduardo Portela definiu como sendo o "substituto planetário do verso", decorre da revolução iniciada em 1922 em relação às técnicas visuais.

— Tudo consequência da nossa disposição continuada de recriar o objeto poemático, despindo-o da ilusão do milagre poético. Arte é trabalho, é construção.



Cassiano Ricardo

O que há para ver

Hoje, no Capri, *A Noite dos Desesperados*, com Jane Fonda ● Traditional Jazz Band, hoje e amanhã, às 21 horas, na Sala Cecília Meireles ● Baile dos Artistas no Clube Sírio e Libanês

cinemas

Estréia de hoje: **O Doce Esporte do Sexo.**

RECOMENDAÇÕES — **Klute / O Passado Condena, Um Homem como Poucos, Zorba, o Grego, O Morro dos Ventos Uivantes, Pequeno Grande Homem, Venha Tomar um Café Conosco, Sem Destino, A Noite dos Desesperados** (só hoje). Especialmente para o público de menor idade: **A 300Km por Hora.** Extra: **Os Inocentes.** (E.A.)

ESTRÉIAS

O DOCE ESPORTE DO SEXO (brasileiro), de Zelito Viana. Comédia. Chico Anísio em cinco episódios, vivendo cinco personagens. Com Irene Stefania, Isabel Ribeiro, Wilson Grey, Rodolfo Arena, Ana Maria Magalhães, Nélson Dantas, Nildo Parente. Em côres. **Super-Bruni-70:** .... 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. (18 anos).

ELVIS E' ASSIM (That's the Way it Is), de Denis Sanders. O **show** de extraordinário sucesso de Elvis Presley no International Hotel de Las Vegas, seus ensaios e seu contato com o público. Filme americano em côres. **Roxy:** 13h30m, 15h40m, ... 17h50m, 20h, 22h10m. (Livre).

KLUTE / O PASSADO CONDENA (Klute), de Alan J. Pakula. A fim de encontrar um homem desaparecido, o detetive Klute recorre a uma **call-girl.** Com Jane Fonda (prêmio da crítica de Nova Iorque), Donald Sutherland, Charles Cioffi, Dorothy Tristan. Filme americano em côres. **São Luís, Vitória, Tijuca:** 13h15m, 15h30m, 17h45m, 20h, 22h15m. **Santa Alice:** 14h50m, 17h, 19h10m, 21h20m. (18 anos).

LATIGO, O PISTOLEIRO (Latigo / Support Your Local Gunfighter), de Burt Kennedy. **Western.** Um sedutor profissional chega a Purgatory, onde o confundem com um campeão do gatilho. Com James Garner, Suzanne Pleshette, Jack Elam, **Joan Blondell.** Filme americano em côres. **Império, Miramar:** 14h40m, .. 16h30m, 18h20m, 20h10m, 22h. (14 anos).

GUNGALA, A PANTERA NEGRA (Gungala, la Pantera Nuda), de Roger Rockefeller. Expedição à procura de jovem branca numa floresta africana onde os selvagens a adoram como uma divindade. Com Micaela Cendali Pignatelli, Angelo Infanti, Tiffany Anderson. Filme italiano em côres. **Plaza** (desde 10h), **Ricamar, Olinda, Mascote, Astor, Melo** (Bonsucesso), **Santa Rosa** (Caxias), **Santa Rosa** (Iguaçu). (14 anos). 14h; 16h; 18h; 20h e 22 h.

CONTINUAÇÕES

COMO ROUBAR MILHÕES SEM FAZER FÔRÇA (Never a Dull Moment), de Jerry Paris. Produção Walt Disney. Comédia de equívocos: um ator de telenovela envolvido numa trama de **gangsters.** Com Dick van Dyke, Edward G. Robinson, Dorothy Provine. Filme americano em côres. **Capitólio, Copacabana, América.** 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. (Livre).

GARÔTAS LINDAS AOS MONTES (Pretty Girls All in a Row), de Roger Vadim. Comédia policial. Uma série de assassinatos agita um colégio repleto de garôtas bonitas. Com Rock Hudson, Angie Dickinson, Telly Savalas, Roddy McDowall. Filme americano em côres. **Metro-Boavista, Metro-Copacabana, Metro-Tijuca:** 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. **Riviera.** (18 anos).

ABENÇOAI AS FERAS E AS CRIANÇAS (Bless the Beasts & Children), de Stanley Kramer. Um grupo de garotos desajustados passa quase inconscientemente da rebeldia pessoal à contestação. Baseado no livro de Glendon Swarthout. Com Bill Mumy, Barry Robins, Miles Chapin, Darel Glasser. Filme americano em côres. **Roma-Bruni (ex-Bruni-Ipanema):** 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. (14 anos).

A PRIMEIRA NOITE DE UMA MULHER (L'Iniciation), de Denis Heroux. Com Chantal Renauld, Daniele Quimet, Jacques Riberolles. Filme canadense. Em côres. Falado em francês. **Odeon:** 14h40m, 16h30m, 18h20m, 22h. (18 anos).

ALGUÉM ATRÁS DA PORTA (Someone Behind the Door), de Nicolas Gessner. Um médico usa um desmemoriado em seu plano de liquidar a espôsa. Com Charles Bronson, Anthony Perkins, Jill Ireland. Filme francês em côres. **Pax, Ópera, Bruni-Tijuca.** Outros: **Festival, Rivoli, Marrocos, Santa Rosa** (Nilópolis), **São João** (Meriti). 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. (18 anos).

COMO ERA GOSTOSO O MEU FRANCÊS (brasileiro) de Nélson Pereira dos Santos. Um francês aprisionado pelos índios tupinambás vive sob a guarda de uma índia viúva até o dia em que deve ser devorado. Com Arduíno Colasanti, Ana Maria Magalhães, Eduardo Imbassaí Filho. Em côres. **Condor-Copacabana, Condor-Largo do Machado:** 14h, 15h40m, 17h20m, ... 19h, 20h40m, 22h20m. **Pathé:** 12h, 13h40m, 15h20m, 17h, 18h40m, .. 20h20m, 22h. **Paratodos:** 13h, ... 14h20m, 15h40m, 17h, 18h20m, ... 19h40m, 21h. **Mauá:** 14h30m, ... 16h10m, 17h50m, 19h30m, 21h10m. (Livre).

ANÔNIMO VENEZIANO (Anonimo Veneziano), de Enrico Maria Salerno. Uma história de amor em cenários de Veneza. Com Florinda Bulcão, Tony Musante. Filme italiano em côres. **Caruso:** 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. (18 anos).

PEQUENO GRANDE HOMEM (Little Big Man), de Arthur Penn. Sátira à mitologia do **far west.** Com Dustin Hoffman, Faye Dunaway, Martin Balsam, Jeff Corey. Filme americano em côres. **Leblon:** 14h, 16h35m, 19h10m, 21h45m. (18 anos).

A 300 KM POR HORA (brasileiro), de Roberto Farias. Mecanico de (Roberto Carlos) articula um plano para ocupar o lugar de um automobilista na Taça Brasil. Também no elenco: Erasmo Carlos, Libania Almeida, Raul Cortês, Otelo Zeloni, Flávio Migliaccio, Reginaldo Farias, Válter Forster, Mário Benvenuti. Em côres. **Bruni-Flamengo, Rio, Britania, Matilde, Bruni-Piedade, Bruni-Méier, Regência, São Pedro.** Em côres: 14h, 16h, 18h, ... 20h, 22h. (Livre).

A MAQUINA DO AMOR (The Love Machine), de Jack Haley Jr. A ascensão vertiginosa de um homem de televisão. Baseado no **best seller** de Jacqueline Susann. Com Dyan Cannon, Robert Ryan, David Hemmings, John Philip Law. Filme americano em côres. **Scala, Rio-Palace:** 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. (18 anos).

VENHA TOMAR UM CAFÉ CONOSCO (Venga a Prendere il Caffè da Noi), de Alberto Lattuada. Comédia: Ugo Tognazzi arruma sua vida conquistando três irmãs solitárias e de boa posição social. Também no elenco: Francesca Romana Coluzzi, Milena Vukotic, Angela Goodwin, Jean-Jacques Fourgeaud, Valentine. Filme italiano em côres. **Veneza:** .... 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. (18 anos)

A GUERRA DAS FORMIGUINHAS (Putiferio va alla Guerra), de Roberto Gavioli. As formiguinhas vermelhas em guerra com as amarelas. Desenho animado de longa metragem. Filme italiano em côres. Canções na voz de Rita Pavone. **Bruni-Copacabana, Tijuca-Palace, Coral:** 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. (Livre).

UM HOMEM COMO POUCOS (Le Voyou), de Claude Lelouch. Criminoso de métodos originais executa um rapto ousado que desnorteia a polícia. Com Jean-Louis Trintignant, Daniele Delorme. Filme francês em côres. **Rian:** 14h40m, 17h, 19h20m, 21h45m. (18 anos).

GAUDÊNCIO, O CENTAURO DOS PAMPAS (brasileiro), de Fernando Amaral. Comédia. Um herói tímido que passa por supermacho em luta contra um **mafioso** carioca e a Mulher-Aranha. Com Paulo José, Dina Sfat, José Lewgoy. Em côres. **Comodoro:** 14h40m, 16h30m, 18h20m, 20h10m, 22h. (Livre).

REAPRESENTAÇÕES

A NOVIÇA REBELDE (The Sound of Music) Comédia sentimental e musical. Com Julie Andrews, Christopher Plummer. **Palácio, Carioca e Pirajá:** 14h40m, 17h50m e 21h. (Livre).

A NOITE DOS DESESPERADOS (They Shoot Horses, Don't They?), de Sidney Pollack. Drama situado entre os melhores de 71. Com Jane Fonda, Gig Young. Filme americano em côres. Só hoje, no **Capri:** 14h30m, ... 16h50m, 19h10m, 21h30m. (18 anos).

INVESTIGAÇÃO SÔBRE UM CIDADÃO ACIMA DE QUALQUER SUSPEITA (Indagine su un Cittadino al di Sopra di ogni Sospetto), de Elio Petri. Um policial comete um assassinato e planta provas que o incriminem a fim de demonstrar sua intangibilidade. Com Gian Maria Volonté, Florinda Bulcão. Filme italiano em côres. **Paissandu:** 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. (18 anos).

O MORRO DOS VENTOS UIVANTES (Wuthering Heights), de William Wyler. Drama passional. Baseado no romance de Emily Bronte. Com Merle Oberon, Laurence Oliver, David Niven. Filme americano em prêto e branco. **Holiday.** (Livre).

ZORBA, O GREGO (Zorba the Greek), de Michael Cacoyannis. As lições de amor à vida que são cada gesto de Zorba, um grego de Creta. Baseado no romance de Nikos Kazantzaki. Com Anthony Quinn, Alan Bates, Irene Papas, Lila Kedrova. Filme americano em prêto e branco. **Asteca.** (18 anos).

O FANTASMA DO BARBA-NEGRA (Blackbeard's Ghost), de Robert Stevenson, produção Walt Disney. Comédia. O fantasma do terrível pirata cria problemas em nossos dias. Com Peter Ustinov, Dean Jones, Suzanne Pleshette, Elsa Lanchester. Filme americano em côres. **Art-Palácio-Copacabana, Art-Palácio-Tijuca, Art-Palácio-Méier, Art-Palácio-Madureira:** 14h 16h, 18h, 20h, 22h. (Livre).

QUAL É O CAMINHO PARA A GUERRA? (Which Way to the Front?), de Jerry Lewis. Milionário forma seu mini-exército particular para vencer a guerra sòzinho. Com Jerry Lewis, Jan Murray, John Wood, Sydney Miller. Filme americano em côres. **Paris-Palace.** (Livre).

SEM DESTINO (Easy Rider), de Dennis Hopper. Dois **hippies** descobrem os dons e os riscos da liberdade numa viagem de motocicleta através dos Estados Unidos. Com Peter Fonda, Dennis Hopper, Jack Nicholson. Filme americano em côres. **Jóia:** 14h, 16h, 18h, 20h, 22h, (18 anos).

EXTRA

OS INOCENTES (The Innocents), de Jack Clayton, baseado na novela de Henry James, **The Turn of the Screw,** com Deborah Kerr, Michael Redgrave, Pamela Franklin. Hoje e amanhã, às 18h30m no **Setor de Cinema do Museu de Belas-Artes,** Av. Rio Branco, 199.

ENCONTRO COM A DESONRA (Appuntamento Col Disonore), de William Mccahon. Melodrama de aventura. Com Michael Craig, Klaus Kinski, Eva Renzi, George Sanders, Margaret Lee. Filme italiano em côres. Pré-estréia. Hoje, à meia-noite, no **Condor — Largo do Machado.**

CENAS DE CAÇA NA BAVIERA — (Jadszenen Aus Niederbayern), de Peter Fleischmann. Baseado na peça de Martin Sperr. Com Martin Sperr, Angela Winkler 1970. Legendas em espanhol. Ciclo do Cinema Alemão Contemporaneo. Hoje, às 18h30m, **Cinemateca do MAM.**

CRÔNICA DE ANA MADALENA BACH (Chronik Der Anna Madalena Bach), de Jean Marie Straub. Sôbre a obra de Bach. Com Gustav Leonhardt, Christine Lang, o conjunto Música Antiga de Viena. Legendas em inglês. Ciclo do Cinema Alemão Contemporaneo. Hoje, às 20h30m. **Cinemateca do MAM.**

MORTE BRANCA EM ÁGUA AZUL (Blue Water, White Death), de Peter Gimbel e James Lipscomb. Documentário sôbre caça e documentação fotográfica sôbre os tubarões brancos. Filme americano em côres. Pré-estréia, hoje, à meia-noite, no **Rian.**

CINE HORA — Comédias curtas, desenhos, atualidades. Sessões de hora em hora a partir das 10h.

HORÁRIOS — Os horários dos programas de cinema divulgados neste roteiro são os fornecidos pelas emprêsas e, portanto, de exclusiva responsabilidade dos exibidores.

teatros

RECOMENDAÇÕES — **Hoje É Dia de Rock; Castro Alves Pede Passagem.** (Y.M.)

Zanoni Ferrite em
Castro Alves Pede Passagem

GRACIAS SEÑOR — Criação do Grupo Oficina, elaborada a partir de pesquisas e experiências realizadas durante longa viagem pelo interior. Dir. de José Celso Martinez Correia. Com José Celso, Renato Borghi, Ester Góis e outros. **Teatro Teresa Raquel,** Rua Siqueira Campos, 143 .... (255-3461). Às 21 hs.

O MORRO DO OURO — Drama de Eduardo Campos sôbre os contrastes da estrutura social de Fortaleza. Dir. de Haroldo Serra. Com Milton Morais, Míriam Pérsia, B. de Paiva, Haroldo Serra, Hiramisa Serra e outros. **Teatro Senac,** Rua Pompeu Loureiro, 45 (256-2641), 21h, sáb., 20h e 22h30m, vesp. 5a., 17h e dom., 18h.

OS DESQUITADOS — Comedia de Aurimar Rocha. Remontagem da realização de 1970. O desquite na Zona Sul visto por um prisma satírico. Direção de Aurimar Rocha. Com Amandio, Eva Cristian, Regina Célia, Fernando José, Aurimar Rocha. **Teatro de Bôlso,** Av. Ataulfo de Paiva, 269 (287-0871). 21h30m, vesp. 5a, 16h, sáb., 21h e 22h45m, dom., 18h15m e 21h30m.

CASTRO ALVES PEDE PASSAGEM — Comédia histórica de Gianfrancesco Guarnieri. Biografia poética de Castro Alves transformada num programa de auditório da tevê. Direção de Gianfrancesco Guarnieri. Com Zanoni Ferrite, Marta Overbeck, Jorge Chaia, Regina Viana e outros. **Teatro Princesa Isabel,** Av. Princesa Isabel, 186 (236-3724), ... 21h30m, vesp. quinta, 17h, dom., às 18h e 21h30m, sáb., 19h45m e 22h30m.

HOJE E' DIA DE ROCK — Romance-partitura de José Vicente. Viagem mágica em busca de um mundo nôvo. Direção de Rubens Correia. Com Isabel Ribeiro, Rubens Correia, Leila Ribeiro, Ivã de Albuquerque, Isabel Camara e outros. **Teatro Ipanema:** Rua Prudente de Morais, 824 .... (247-9794), 21h30m, sáb., 20h e .... 22h30m, dom., 19h e 21h30m.

TÔDA FERA TEM UM PAI QUE E' DONZELO — Comédia de Emanuel Rodrigues e Costinha. A recuperação de um viúvo irrecuperável. Com Costinha, Vilma Fernandes, Andréia e outros. No **Teatro Dulcina,** Rua Alcindo Guanabara, 17/21. ...... (232-5817). 21h15m. sáb., 20h e 22h, dom., 18h e 21h15m.

revistas

PEGA NO GANZÊ E BOTA PRA GANZA' — Direção de Manuel Vieira, com Virgínia Lane. **Teatro Rival,** Rua Álvaro Alvim, 33 ...... (224-6625). Diàriamente sessões contínuas, às 18h, 20h e 22h.

O REBU E' DELAS — direção de Berta Loran, com Jean Jacques, Sônia Machado e outros. **Teatro Miguel Lemos,** Rua Miguel Lemos, 51-H ..... (236-6343): 21h30m, sáb., 20h30m e 22h30m, dom., 19h e 21h30m.

E' SÓ NA COLUNA DO MEIO, de Paulo Nunes e Angelo Romero. Com Ester Tarcitano e Silva Filho. **Teatro Carlos Gomes,** Praça Tiradentes (222-7581), às 20h e 22h.

"shows"

TEATRO

XANGÔ, REI DE IORUBA' — Grupo Postais da Bahia. Direção de Renato Manoel Ferreira. Números de dança folclórica afro-brasileira. **Teatro de Arena da Guanabara,** Largo da Carioca (222-5435), diàriamente, às 21h.

MARLENE, OLÊ, OLÁ — Show musical carnavalesco, com Marlene. Direção de Haroldo Costa. Participação dos conjuntos Pandeiro de Ouro e Lá Vai Samba e Quarteto. **Teatro Glória,** no Hotel Glória (265-3436), 21h.

UMA NOITE COM CHICO ANÍSIO — Show com Chico Anísio, participação do conjunto Tempo-7. Textos de Chico Anísio. Marcos César, Arnaud Rodrigues, Arapuã, J. Rui e outros. Direção de Osvaldo Loureiro. Direção musical de Severino Filho. **Teatro da Lagoa,** Av. Borges de Medeiros, 1 426 (227-6686), 21h30m, sáb., 20h e 22h30m, dom., 20h30m.

TIM MAIA — e o conjunto O Grão. **Teatro Opinião,** Rua Siqueira Campos, 143 (235-2119). Hoje, às . . . 21h30m, sábado, às 22h30m e domingo, às 21h30m. Só até domingo.

CIRCUITO FECHADO — O comediante Ronald Golias sozinho em cena. Textos de Marcos César, direção de Carlos Manga **nonsense** visual de Juarez Machado. **Teatro Serrador,** Rua Senador Dantas, 13 . . . (232-8531), 21h30m, sáb., 20h e .... 22h30m, dom., 20h30m.

ZIRIGUIDUM, ÔI — Show de samba com Osvaldo Sargentelli, Jamelão, Nelsinho do Trombone e as Mulatas Que Não Estão no Mapa. De têrça a sexta às 21h, quintas-feiras, vesp., às 17h, sábados, às 19h30m e 22h, dom., às 17hs e 20h30m. **Teatro Ginástico,** Avenida Graça Aranha, 187 (221-4484).

A FINA FLOR DO SAMBA — Coordenação de Teresa Aragão. Ritmo do Mestre André e compositores, passistas e ritmistas das Escolas de Samba. Tôdas as segundas-feiras, às 21h30m, no **Teatro Teresa Raquel,** Rua Siqueira Campos, 143 — sobreloja (255-3461).

ZICARTOLA N.º 2 — Clementina, Odete Amaral, Cartola, Nélson Cavaquinho, Conjunto Nosso Samba. Tôdas as segundas e têrças-feiras às 21h30m, no **Teatro Opinião,** Rua Siqueira Campos, 143 (235-2119).

VA' TOMAR CAJU! — nôvo **show** de Juca Chaves. **Teatro Casa-Grande,** Av. Afranio de Melo Franco, 290 .... (227-6475), 21h30m.

ARISTIDES CREME E CAVEIRA — Show musical. Tôdas as quintas-feiras, às 18h, no **Teatro Opinião,** Rua Siqueira Campos, 143 (235-2119).

EXTRA

TRADITIONAL JAZZ BAND — Ilustração musical das origens do **jazz,** Ragtimes, Spirituals, Blues, Stromps, Jam Session. Às 21 horas. **Sala Cecília Meireles,** Largo da Lapa, 47 (232-9714). Só hoje e amanhã.

IS VERY SAMBA — Show às . . . 23h30m e 1h, com conjunto Samba-4, Valéria, Bárbara Mell e Loreti Trio na **Boate Katacombe,** Av. Copacabana, 1 246 (Galeria Alasca). Telefone 267-2735.

BORBONECAS — Show de travestis no **New Colt.** No 1.º andar: **Fim de Noite,** com Carlos Wagner, às ... 23h, Av. Bartolomeu Mitre, 662 . . . (267-2346), quinta, sexta e sábado às 21h.

GRICHA BANK — e os cantores Wermer Giessmann e Roberto Romany. **Show** e dança no **Alt Berlin,** Rua Visconde de Pirajá, 22. Diàriamente, a partir das 20h.

ZE' MARIA — pianista. Tôdas as noites a partir das 20h no restaurante **Forno e Fogão,** Rua Sousa Lima, 48. Tel. 257-8008.

LEONARDO LUZ — Pianista — De quinta-feira a domingo, no **Cave Bar Snoopy's,** embaixo do La Palette, Av. Copacabana, 1142. Tel. — 255-1365.

TITO MADI, RIBAMAR E MARISA — Tôdas as noites na boate **Taba,** 1.º andar do Bierklause, Rua Ronald de Carvalho, 55. Tel.: 237-1521.

EDEGARDO SILVA — acompanhado pelo conjunto do organista Chinoca e o cantor Santos Dumont. Música para dançar a partir das 20h. Aos domingos, de 16h às 22h. Domingueira-dançante, com ingressos a Cr$ 5,00. **Cervejaria Schnitt,** Rua Voluntários da Pátria, 24.

TV MACUMBA — CANAL 7 — de Ari Fontoura e Ivã Prieto. Com Felipe Carone, Ivã Sena e Ari Fontoura. De têrça a sexta-feira, às 23h30m, sábado à 1h, domingo, à meia-noite, na **Boate Macumba** (Barra da Tijuca).

CARNAVAL — Helena Cardoso, Escovinha, Conjunto Colheres no Samba, As Mulatas Douradas, passistas, ritmistas e orquestra de carnaval. Tôdas as noites, às 22h30m, ... 23h30m e 0h30m. **Coliseum,** Av. das Américas, Barra da Tijuca (399-1919 e 267-3499).

CASAS NOTURNAS

MIRIAM BATUCADA — e o conjunto Os Brasões, texto de Arnoud Rodrigues. **Boate Drink,** Av. Princesa Isabel 82. Tel.: 257-7068.

VEM DE RE' QUE EU ESTOU EM PRIMEIRA — com Leila Diniz, direção de Tarso de Castro. Cantora convidada Dalva de Oliveira, com Sílvio Lamenha. Participação especial de Carlos Leite com as Leiletes e as Chacretes. **Salão de Viena,** Av. Afranio de Melo Franco, 296 — Leblon (247-7877), diàriamente à 0h30m.

BRASIL EXPORT SHOW — de Abelardo Figueiredo. Com Elsa Soares, Lennie Dale, Jo Jo Smith, Marli Tavares, Marina Montini. **Canecão,** têrça a dom., às 21h.

VALESCA — BENE' NUNES, seu piano, Zé Maria, Trio e o conjunto Somterapia. Diàriamente, a partir de 18h. **Fossanova,** Av. Atlantica, 4 200 — esquina de Joaquim Nabuco . . . (247-8274).

A PEQUENA NOTÁVEL — Texto de Ari Fontoura sôbre a vida de Carmem Miranda. Direção de Maurício Schermann. Arranjos musicais de Rogério Duprat, regência de Ércole Vareto. Com Marília Pêra, Dinorá Marzulo, Sandra Pêra, Germano Filho, André Vâli, Reginaldo Genez e outros. **Night and Day,** Praça Mahatma Gandhi, 14 (242-4639 e 242-7119), 0h30m.

LUÍS CARLOS VINHAS E ROSE — diàriamente, a partir das 22h. **Flag,** Rua Xavier da Silveira, 13 (255-0735)

MARTINHO DA VILA — Acompanhado pelo Grupo Careta, Elen de Lima, Marisa Fossa e Evandro. No **Bigode do Meu Tio,** Rua Teodoro da Silva, 668 (238-0267).

LUÍS REIS — No **Baco,** Av. Ataulfo de Paiva, 1 235 (247-1466).

MONSUETO — Dina Gonçalves, Marcos Moran, Abílio Martins, Raul de Barros e outros. **Sambão,** Rua Constante Ramos, 140. Tel. 237-5368.

LENI ANDRADE E PEDRINHO MATAR — Rosinha de Valença, Celinho, Mirzo Barroso e Miele. **Monsieur Pujol,** Rua Aníbal de Mendonça, 36. Tel.: 287-0105.

MARIA DA GRAÇA — **Show** de fados e canções. Piano de Hiram Trindade. **Adega de Évora,** Rua Santa Clara, 292. Tel.: 237-4210.

BANDINHA DO ALEMÃO — Tôdas as noites com Stauber, Everardo e Maria Helena. No **Bierklause,** Rua Ronald de Carvalho, 55 - (237-1521) e 235-2777).

ELEN DE LIMA — Adélia Pedrosa, Zélia Lopes, Antônio Campos e Maria Alcina, no **Lisboa à Noite,** Rua 5 de Julho, 312. Telefone .... 257-8339.

THE UGLY'S FOUR — Música ao vivo diàriamente, a partir das 23h. **Nova Capela,** Av. Mem de Sá, 90. Tel. 252-6228.

ZIRIGUIDUM, OI — Show de samba com Osvaldo Sargentelli, às 22h e 24h, vesp. quinta, às 17h. Na **Sucata,** Av. Borges de Medeiros, Lagoa. Res. 227-3589 e 227-6686.

ATHIE BELL — Diàriamente o pianista Athie Bell e Gérson Jones, das 21h às 2h da madrugada. No restaurante **Sol e Mar,** Av. Nestor Moreira, 11.

JORGINHO TELES E BÁRBARA MELO — Piano de Walter Gonçalves e violão de Josemir Barbosa, tôdas as noites no **Scoth Bar,** Rua Fernando Mendes, 43 — Copacabana. Sem **couvert.**

SAMBAMBA — Espetáculo de samba. Um **show** de Paulo Sérgio Mag. Com Mister Samba Show, Carlos Vidal, Nadja, Luizinho Lu, passistas e ritmistas de Escolas de Samba. Tôdas as segundas-feiras às 23h, no **Salão Nobre do Castelinho,** Av. Vieira Souto, 100 (267-4174).

MAÍSA — com Osmar Milito, Quarteto Forma e Sexteto do Baterista Ronnie — No **Number One,** Rua Maria Quitéria, 19 (267-2231). Só êste fim de semana.

planetário

GRANDE VIAGEM AO ESPAÇO SIDERAL — Visão de todos os planêtas, eclipse do sol e da lua, sistema solar visto de fora da terra, passagem do cometa Donati e de satélite artificial, chuva de meteoritos Horário: têrça, às 20h30m e 22h, quarta, às 16h, quinta, às ..... 20h30m e 22h, sexta, às 16h, domingo e feriados às 14h30m, 16h, .. 17h30m, 19h, 20h30m e 22h. Preço único: Cr$ 2,00. Quartas e sextas-feiras, das 21h às 22h, visitas franqueadas pessoas que desejarem observar o espaço com instrumentos próprios e explicações de astrônomos. Rua Padre Leonel Franca, junto à PUC, telefone 267-6230 ou ... 267-3520.

artes plásticas

ARTE BRASILEIRA — Azamor, Ariindo Mesquita, Armando Viana, Carmelo Sena, Chlau Devesa, Chico da Silva, Di Branco, Estevão Silva, Eduardo Carlson, Guignard, Henry, José Barbosa, Orlando Brito, Oldach de Freitas, Solon Botelho, Teresa Rangel, Humberto da Costa, Hélio das Neves e outros. **Galeria Corredor de Arte,** Rua das Laranjeiras, 114 Até dia 14 de fevereiro.

ACERVO GRUPO B — Franz Waissman, Darel, Zaluar Inimá, Renato Graça, Inácio Rodrigues, Farness, Guignard, Ascanio, M. M. M., Cleber Machado, Amélia Toledo e Nélson Leirner. **Galeria Grupo B,** Rua das Palmeiras, 19 — Botafogo. Até março. Aberta de têrça a sexta-feira, das 14h às 22h.

ARCAS PINTADAS — Temas do barroco mineiro recriados por uma equipe da Escola de Belas-Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, sob a direção de Iara Tupinambá. **Galeria Chica da Silva,** Av. Copacabana, 1 146 (255-1366).

CARTEMAS — exposição de trabalhos de colagem realizados por Aloísio Magalhães. **Museu de Arte Moderna,** Av. Beira Mar.

PARAGUAI — Representação paraguaia à XI Bienal de São Paulo. **Museu de Arte Moderna,** 2.º andar do Bloco de Exposições. Até dia 7 de fevereiro.

ACERVO — Chico da Silva, Armando Viana, Edgard Wálter, Klénio e Roberto Alves. No **Roberto Alves Atelier de Pintura.** Avenida Princesa Isabel, 186, loja E. Até o dia 12 de fevereiro.

COLETIVA — Acervo da Galeria Bonino. Obras de Maria Bonomi, Aldemir Martins, Fayga Ostrower, Antônio Maia, Jack Brusca, Rogelio Polesello, Sonia Ebling, Newton Resende, Ernesto Barreda, Djanira, Di Cavalcanti, Lula Cardoso Aires, João Camara, Miguel dos Santos, Panetti, Raimundo Oliveira e Vasco Prado. **Galeria Bonino.** Rua Barata Ribeiro, 578. Tel. 235-7831.

PINTURA E ESCULTURA — Pinturas de Daniel e esculturas de Pedro Paulino. Exposição n.º 6. Diàriamente, das 9 às 18 horas. **Galeria do Banco Andrade Arnaud,** Rua Figueiredo Magalhães, 263. (255-0131). Às têrças e sextas-feiras até às . . . . 22h30m. Até o dia 25 de fevereiro.

COLETIVA — Acervo da Galeria Ipanema. Obras de Iracema, Made, Fernando Coelho, Bianco, Teruz e Renina. **Galeria Ipanema,** Rua Farme de Amoêdo, 56. Tel. 267-1897. Até março.

aonde levar as crianças

TEATRO

A ILHA MÁGICA DO CONTADOR DE HISTÓRIAS — Espetáculo vencedor do recente Festival de Teatro Infantil da Guanabara. Adaptação de José Antônio Domingues. Direção de Paulo d'Alcantara. **Teatro Senac,** Rua Pompeu Loureiro, 45 (256-2641), sáb. 17h e dom., 15h.

CARNAVAL DOS PORQUINHOS — Adaptação e direção de Jair Pinheiro. **Teatro Miguel Lemos,** Rua Miguel Lemos, 51-H (236-6343). Sáb. e dom., às 16h.

NINGUÉM SEGURA ÊSSE RATO — de Jair Pinheiro. **Teatro Miguel Lemos,** Rua Miguel Lemos, 51-H . . (236-6343). Sáb. e dom., às 17h.

ZARTAN, O REI DAS SELVAS — de Ilclemar Nunes. Direção do autor. Música de Cláudio Barreto. Segundo colocado do recente Festival de Teatro Infantil da Guanabara. **Teatro Gláucio Gil,** Praça Cardeal Arcoverde (237-7003) sáb., 16h30m, dom., 15h30m.

A VALSA MÁGICA — de Sérgio Roberto. Direção de Roberto de Brito. Com Teo Lopes, Ricardo Peres, Teresa Cristina e outros. **Teatro de Arena da Guanabara,** Largo da Carioca, esquina de Av. Chile .... (222-5435), sáb. e dom., às 17h.

PASSEANDO PELO BRASIL — Realização do Teatrinho de Marionetes Monteiro Lobato baseado em temas folclóricos. **Teatro Jaime Costa,** Rua Barão do Bom Retiro, 94, ao lado da igreja da Consolação (238-2347), dom., 10h e 16h.

CINEMA

COMO ROUBAR MILHÕES SEM FAZER FÔRÇA — Capitólio, Copacabana, América: 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. (Livre). Ver **Continuações** em **Cinemas.**

O FANTASMA DO BARBA-NEGRA — Art-Palácio-Copacabana, Art-Palácio-Tijuca, Art-Palácio-Méier, Art-Palácio-Madureira: 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. (Livre). Ver **Reapresentações** em **Cinemas.**

COMO ERA GOSTOSO O MEU FRANCÊS — brasileiro. **Condor-Copacabana, Condor-Largo do Machado, Carioca:** 14h, 15h40m, 17h20m, 19h, **Paratodos:** 13h, 14h20m, 15h40m, ... 17h, 18h20m. (Livre). Ver **Continuações** em **Cinemas.**

A 300KM POR HORA — **Bruni-Flamengo, Rio, Britania, Matilde, Bruni-Piedade, Bruni-Méier, Regência:** 14h, 16h, 18h. (Livre). Ver **Continuações** em **Cinemas.**

A GUERRA DAS FORMIGUINHAS — **Bruni-Copacabana, Tijuca-Palace, Coral:** 14h, 16h, 18h. (Livre). Ver **Continuações** em **Cinemas.**

QUAL E' O CAMINHO PARA A GUERRA? — **Paris-Palace:** 14h, 16h, 18h. (Livre). Ver **Reapresentações** em **Cinemas.**

SESSÃO INFANTIL — Seleção de desenhos animados. **Cinemateca do MAM.** Hoje, às 17h. Ver **Extra** em **Cinemas.**

SESSÃO COCA-COLA — No **Cine-Lagoa-Drive-In,** hoje, às 18h30m, **Programas de Desenhos,** de Walt Disney.

PLANETÁRIO

GRANDE VIAGEM AO ESPAÇO SIDERAL — Quarta, às 16h, sexta, às 16h, sáb. e dom., às 14h30m, 16h, 17h30m.

PARQUES E JARDINS

QUINTA DA BOA VISTA — em São Cristóvão.

PARQUE LAJE — Rua Jardim Botanico, 414.

PARQUE DA CIDADE — Estrada Santa Marinha.

JARDIM BOTANICO — Rua Jardim Botanico, 920.

FLORESTA DA TIJUCA — no Alto da Boa Vista.

escolas de samba

SALGUEIRO — Ensaia hoje e amanhã no E. C. Maxwell e quarta-feira no E. C. Minerva (Rua Itapiru).

PORTELA — Ensaia hoje no Ginásio do Mourisco e amanhã no Imperial Basquete Clube (Estrada da Portela, 51).

IMPÉRIO SERRANO — Ensaia hoje e amanhã no antigo Mercado de Madureira (Rua Ministro Edgar Romero, 114).

MANGUEIRA — Ensaia hoje, amanhã no E. C. Garnier (Rua Ana Néri, em Sampaio).

VILA ISABEL — Ensaia hoje no campo do América F. C. (Rua Teodoro da Silva, 628), amanhã, no Magnatas F. S. (Rua General Belford).

IMPERATRIZ LEOPOLDINENSE — Ensaia hoje e amanhã em sua quadra própria (Rua Professor Lacê, 235, Ramos).

UNIDOS DE SÃO CARLOS — Faz hoje seu primeiro ensaio geral, no São Cristóvão F. R. (Rua Figueira de Melo, 200), amanhã, ensaia normalmente no E. C. Minerva (Rua Itapiru, no Catumbi).

IMPÉRIO DA TIJUCA — Ensaia hoje e amanhã em sua quadra, na antiga garagem de bondes da CTC (Rua Conde de Bonfim, 812).

MOCIDADE INDEPENDENTE — Ensaia hoje e amanhã em sua quadra própria (Rua Coronel Tamarindo, 38, em Padre Miguel).

UNIDOS DE PADRE MIGUEL — Ensaia hoje e amanhã em sua quadra (Rua Mesquita, 8, em Padre Miguel).

EM CIMA DA HORA — Ensaia hoje e amanhã em sua quadra própria (Rua Zeferino Costa, 556).

UNIDOS DE LUCAS — Ensaia hoje e amanhã em sua quadra (Rua Ferreira França, 680, em Cordovil.

clube

CLUBE SÍRIO E LIBANÊS — Hoje, a partir de 22 horas. Baile dos Artistas, promovido pela Casa dos Artistas. Rua Marquês de Olinda, 38, em Botafogo.

PAQUETA' IATE CLUBE — Hoje, a partir de 23 horas, Baile do Havaí. Barcas saindo da Praça XV às 23 horas e regressando às 5h30m. Praia das Gaivotas, s/n, em Paquetá.

ORFEÃO PORTUGAL — Hoje e partir de 23 horas, VI Noite do Havaí. Rua Aguiar, 60, na Tijuca.

RENASCENÇA CLUBE — Hoje, a partir de 22 horas, Baile do Sarongue. Rua Barão de São Francisco, 54, no Andaraí.

S. C. MINERVA — Hoje, a partir de 22 horas, Batalha do Havaí. Rua Itapiru, 1 305, no Catumbi.

ASSOCIAÇÃO DOS CRONISTAS CARNAVALESCOS — Hoje, a partir de 16 horas, o II Baile do Milho. Avenida Presidente Vargas, 509, 21.º andar.

GUADALUPE COUNTRY CLUBE — hoje a partir de 23 horas, IX Baile do Zoológico, oficializado pela Secretaria de Turismo. Avenida Brasil, 25 304.

ASSOCIAÇÃO DOS SERVIDORES CIVIS DO BRASIL — Hoje, a partir de 22 horas, Grito de Carnaval. Ingressos para cavalheiros a Cr$ ... 15,00, damas, Cr$ 10,00, mesa com quatro lugares, Cr$ 40,00. Rua Lauro Muller, ao lado do Canecão.

rádio

RÁDIO JORNAL DO BRASIL — Quatro noticiários de 15 minutos, às 7h30m, 12h30m, 18h30m e 0h30m. Informativo final às 2h25m. Aos sábados e domingos, primeiro informativo às 8h30m. De 2a. a 6a., transmissão direta da Bôlsa de Valôres, às 10h28m e às 14h. Aos sábados e domingos, resumo dos acontecimentos esportivos do dia, às 19h30m. Informação e música modulada das 6h às 2h30m.

RÁDIO SUÉCIA — Transmissão diàriamente em português, na frequência de 11 705 KHz, ondas curtas, em 26,65m de 21h30m às 22h e de 23h às 23h30m.

RÁDIO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO — Hoje: **Encontro com o Jazz,** às 19h.

CLÁSSICOS — RÁDIO JB — 21hs a 1:00h — **Módulo 1 — Allegro do Concêrto para Oboé em Fá Maior,** de Bach (Heinz Holliger) / **Príncipe da Dinamarca,** de Clarke (Conj New England). **Módulo 2 — Hino ao Sol,** de Rimsky — Korsakov (Kostelanetz) / **Capricho em Si Menor,** de Brahms (Rubinstein) / **2.º Movimento da Sinfonia N.º 1,** de Mahler (Sinf. de Boston). **Módulo 3 — Allegro do Concêrto em Lá Menor,** de Vivaldi (Orq. de Camara de Amsterdã) / **Estudiantina,** de Turina (Alícia de Larrocha) / **Alborada del Gracioso,** de Ravel (Orq. Colonne, de Paris. **Módulo 4 — As Môças de Cádiz,** de Delibes (Orq. Pop Internacional) / **Prelúdio e Fuga em Ré Maior,** de Shostakovitch (Emil Gilels) / **Poco Allegretto da 1a. Sinfonia,** de Brahms (Sinf. de Pittsburgh).

televisão

INFORMATIVOS — Hoje, às 13h, Canal 4. **Primeira Página,** às 13h, Canal 6. **TV Rio Notícias,** às 19h25m, Canal 13. **Correspondentes Brasileiros,** às 19h30m, Canal 6. **Jornal Nacional,** às 19h44m, Canal 4. **Informe Econômico,** às 22h, Canal 6. **Última Edição,** às 22h30m, Canal 4. **Perspectiva,** às 23h, Canal 6.

NOVELAS — Nossa Filha Gabriela, às 18h, Canal 6. **Pingo de Gente,** às 18h30m, Canal 13. **A Fábrica,** às 18h45m, Canal 6. **O Primeiro Amor,** às 19h, Canal 4. **Hospital,** às . . . 19h50m, Canal 6. **O Homem que Deve Morrer,** às 20h15m, Canal 4. **Os Deuses Estão Mortos,** às 21h, Canal 13. **Cidade sem Deus,** às 23h, Canal 6.

DIVERSOS — A. P. Show, às 12h, Canal 6. **Programa do Silvestre,** às 18h, Canal 6. **Amaral Neto — O Repórter,** às 23h, Canal 4.

ESPORTIVOS — Papo Firme, às ..... 18h45m, Canal 4.

INFANTIS — Filmes: **Desenhos,** às 13h30m, **Tarzã,** às 14h, **Festival de Bang-Bang,** às 15h30m, Canal 4. **O Mundo Alegre de Carequinha (Gasparzinho),** às 16h05m. **Desenhos MGM,** às 16h40m. **Perdidos no Espaço,** às 18h, e **Nós e o Fantasma,** às 19h, Canal 4.

EDUCATIVOS — Artigo 99, às 9h 30m, Canal 4. **TV Educativa,** às 11h, Canal 6. **TV Educativa — Educação Continuada,** às 14h50m, Canal 13.

HORÁRIOS — Os horários e as indicações dos programas são de responsabilidade das respectivas emissoras.

parques e jardins

QUINTA DA BOA VISTA — Antiga chácara do Elias, uma das mais belas residências da época, que, ofertada a D. João VI, se tornou o Paço de São Cristóvão. Aí moraram D. Pedro I e D. Pedro II. Hoje é sede do Museu Nacional e onde está localizado o Jardim Zoológico.

PARQUE LAJE — Com uma grande mansão, sede do Instituto de Belas-Artes, florestas, grutas, torreão, calabouço dos escravos, jardins, lagos, represa. Na Rua Jardim Botanico, 414, das 8h às 17h30m, exceto às segundas-feiras.

PARQUE DA CIDADE — Com lagos, bosques, jardins artísticos, extensos gramados e ainda o Museu da Cidade. Estrada Santa Marinha.

FLORESTA DA TIJUCA — Visitas à Cascatinha, Vista do Almirante, Açude da Solidão, Bom Retiro, Cascata Diamantina e Capela Mayrink, que tem no altar quatro painéis de Candido Portinari.

JARDIM ZOOLÓGICO — Variadas espécies de animais da fauna mundial, especialmente da brasileira, africana e asiática. Grande coleção de aves e pássaros do Brasil. Na Quinta da Boa Vista, diàriamente, das 9h às 18h30m.

JARDIM BOTÂNICO — Cêrca de 7 mil espécies de vegetais. Alameda de palmeiras, cactos, orquídeas, vitória-régia e a Palma Mater, com 35m de altura, plantada por D. João VI. Rua Jardim Botanico, 920, das 8h às 17hs.

Chico Anísio e Irene Stefania em
O Doce Esporte do Sexo

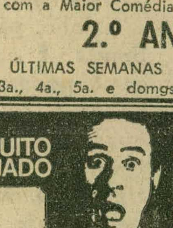
VAMOS AO TEATRO

jazz
HOJE E AMANHÃ 21 HORAS
TRADITIONAL JAZZ BAND
Ilustração musical das origens do jazz — Ragtimes — Spirituals — Blues — Stomps — Jam Session
SALA CECILIA MEIRELES — Lgo. da Lapa, 47.
Permitido traje esporte. Inf.: 232-9714

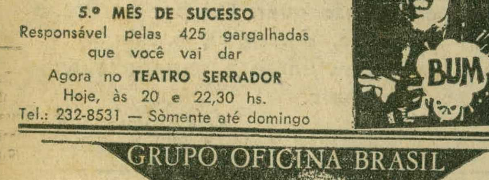
TEATRO CASA GRANDE — Infs.: 227-6475
Av. Afrânio de Mello Franco, 290 (Lebion)
Ajude o Juquinha a comprar sua serpentina para brincar no Carnaval

JUCA CHAVES
no nôvo show
VÁ TOMAR CAJU!
PHILIPS
Hoje, às 21,30 hs. — Ar refrigerado perfeito

TEATRO DULCINA — R. Alcindo Guanabara, 17 — Res.: 232-5817
COSTINHA agradece
A preferência do público e continua com a Maior Comédia do Ano.
O DONZELO 2.º ANO
Hoje, às 20 e 22 hs. — ÚLTIMAS SEMANAS
Desc. de 50% p/ estuds. 3a., 4a., 5a. e domgs.

Marcos Lázaro apresenta
GOLIAS CIRCUITO FECHADO


5.º MÊS DE SUCESSO
Responsável pelas 425 gargalhadas que você vai dar
Agora no TEATRO SERRADOR
Hoje, às 20 e 22,30 hs.
Tel.: 232-8531 — Sòmente até domingo

GRUPO OFICINA BRASIL

EM RE-VOLIÇÃO! (CRIAÇÃO COLETIVA) APRESENTA
GRACIAS SENOR TEATRO TEREZA RACHEL 235-3461 (FONE) CURTA TEMPORADA
Diàriamente às 21 hs.

Americo Leal apresenta a volta (participação especial) de

VIRGÍNIA LANE a Vedete do Brasil
sem transa porque o "tempo" é o de hoje na revista
PEGA NO GANZÊ E BOTA PRA GANZÁ
Dir. de Manoel Vieira (o Totonho)
TEATRO RIVAL — Tel. 224-6625. Diàriamente, às 18 hs., 20 hs. e 22 hs.
SÒMENTE ATÉ DIA 10

teatro da lagoa
RICARDO AMARAL CONVIDA PARA UMA NOITE COM

CHICO ANÍSIO
2273589 2276686
Dir. Oswaldo Loureiro, dir. musical: Severino Filho, cen.: Cyro Del Nero, part. Tempo 7. Diàriamente às 21,30 hs. Sábado: 20 e 22,30 hs. Domingo: 20,30 hs.

RUBENS CORRÊA e IVAN DE ALBUQUERQUE apresentam de 3a. a 6a.-feira às 21,30 hs., sábado às 20 hs. e 22,30 hs. e domingos às 19 e 21,30 hs.
HOJE É DIA DE ROCK
de José Vicente direção de Rubens Corrêa
Teatro Ipanema
R. Prudente de Morais, 824 — Res.: 247-9794 — Ar refrigerado

TEATRO DE BOLSO (Leblon). Ar refrigerado.
Av. Ataulfo de Paiva, 269/A. Res.: 287-0871
REPETINDO O SUCESSO ESTRONDOSO DE 1970, VOLTA AO CARTAZ
OS DESQUITADOS
Comédia de Aurimar Rocha, com o autor, Amândio, Eva Christian, Regina Célia e Fernando José. Camile Boutique e Ascot vestem o elenco. Cenários de Flávio Perroni (Velha Bahia)
NÃO ENTRE COM AÇÃO DE DESQUITE ANTES DE ASSISTIR ESTA PEÇA
Hoje, às 21 e 22,45 hs.

"Escolhido por unanimidade em S. Paulo o melhor espetáculo e melhor texto".
CASTRO ALVES PEDE PASSAGEM
Texto e direção: GIANFRANCESCO GUARNIERI — Música: TOQUINHO
TEATRO PRINCESA ISABEL — Tel.: 236-3724 — Hoje, às 20 e 22,30 hs.

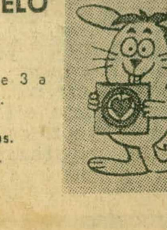
Teatro no Hotel GLÓRIA
APRESENTA O MUSICAL QUE TODO BRASIL CANTA: RESERVAS 265-3436
MARLENE OLÊ OLÁ!
OS PANDEIROS DE OURO CONJUNTO LÁ VAI SAMBA O QUARTETO
UM SHOW DE HAROLDO COSTA
Diàriamente às 21 hs. — Sábs., 20 e 22 hs. — Doms., 18 e 21 hs.
Cr$ 20,00 — ESTUDANTES: 10,00

SARGENTELLI
AGORA TAMBÉM NO TEATRO GINÁSTICO (por poucos dias)
Com AS MULATAS QUE NÃO ESTÃO NO MAPA!
no maior SHOW DE SAMBA DA PARÓQUIA!
DIÀRIAMENTE: 21 hs. — SÁBS.: 19,30 e 22 hs. — VESPERAIS: 5as. e doms.: às 17 hs. — Res.: 221-4484

DEFINITIVAMENTE 2 ÚLTIMOS DIAS
TIM MAIA
Artista exclusivo da Polydor
Com o CONJUNTO GRÃO
Hoje, às 22,30 hs.
Tem estudantes
TEATRO OPINIÃO — R. Siqueira Campos, 143. — Tel.: 235-2119.
Realização COUTINHO & BAYER

Sob os auspícios do Govêrno do Ceará
"O MORRO DO OURO"
De Eduardo Campos, música de Belchior e Jorge Mello, dir. de Haroldo Serra. Part. esp. de MILTON MORAES, MYRIAN PÉRSIA, Paulo Pinheiro, B. de Paiva, Marcus Miranda, Almir Telles e grande elenco, e mais 25 atôres e conjunto musical.
TEATRO SENAC — Tel.: 256-2641
Hoje, às 19,45 e 22,30 hs. CURTA TEMPORADA

PARA CRIANÇAS

FAÇA ALGUMA COISA PELO COELHO, BICHO

V. já viu a peça infantil para crianças de 3 a 100 anos? É pedagógica e divertida.
TEATRO SANTA ROSA
Sábados: 17 hs. — Domingos: 16 hs.
R. Visc. Pirajá, 22. Tel. 247-8641.
Sorteio de presentes.

Gov. Est. GB — Sec. Ed. Cult. — Dep. Cult. — Div. Teatro
Não percam a peça infantil com as aventuras de
ZARTAN, O REI DAS SELVAS???
de Ilclemar Nunes. 2.º lugar no IV Festival Teatro Infantil da GB: Melhor Texto e Melhor Música
SÁBADOS: 16 HS. — DOMINGOS: 17 HS.
TEATRO GLÁUCIO GILL (Pça. Cardeal Arcoverde). Tel.: 237-7003

TEATRO DE ARENA DA GUANABARA — Largo da Carioca
Tel.: 222-5435 — (tem estacionamento)
"A VALSA MÁGICA"
Peça infantil de SÉRGIO ROBERTO
Direção de ROBERTO DE BRITO. TODOS OS SÁBADOS E DOMINGOS ÀS 17 HORAS
"ALÔ PAPAI, NÃO CRIE SEU FILHO NA ILUSÃO"

Sábado e domingo — 16 hs.
"O Carnaval dos Porquinhos"
Aut. e dir. JAIR PINHEIRO
Venha fantasiado, sua fantasia concorre a prêmios

Sábado e domingo — 17 hs.
"Ninguém Segura Êsse Rato"
Aut. e dir. JAIR PINHEIRO

TEATRO MIGUEL LEMOS — Rua Miguel Lemos, 51-H
AR CONDICIONADO — Res. p/ tel. 236-6343

ALÔ GAROTADA!
As Bruxas voltaram! Vá ao TEATRO OPINIÃO SÁBADO E DOMINGO ÀS 16 HS. assistir ao
I FESTIVAL DA BRUXALHADA
De Carlos Adib. ESPETACULAR!!!!
Breve a volta de "O Burrinho", "Bigorrilho e a Princesinha de Ouro", "Parabéns p'ra você" e "O Sapo dourado" — Tel.: 235-2119.

BOITES & RESTAURANTES

SÃO CHICO
GRANDE HOTEL SÃO FRANCISCO
Rua Visconde de Inhaúma, 93/97
Chopinho na cidade!
Open-sanduíches
Comidinha
O dia inteiro: das 10 da manhã às 10 da noite
Antes do escritório.
Para o lanche.
Depois do escritório.
A qualquer hora.

國際大飯店
RESTAURANTE SHANGRI-LA
COZINHA TÍPICA CHINESA
ALMOÇOS E JANTARES ☆ AR CONDICIONADO
Aberto das 12 às 14 hs. e das 18 às 24 hs.
Sábados: até às 2 da manhã.
RUA ALMTE. GUILHEM, 74, Leblon (pertinho da praia). Tel. 267-6280

NOVA CAPELA
Shows variados, a 1 h. e às 3 horas
Diàriamente, a partir das 23 hs., MÚSICA AO VIVO
com o quentíssimo conjunto THE UGLY'S FOUR
Atração Internacional: GUIDO DEL VERDI
Av. Mem de Sá, 96 — Tel.: 252-6228 e 222-3493

Hotel Serrador — Cinelândia — AR REFRIGERADO
NIGHT AND DAY
Tôdas as noites de 2a. a sábado
MARÍLIA PÊRA em
"A PEQUENA NOTÁVEL" CARMEM MIRANDA

Super-produção de Carlos Campos e Nelson Santos
"A PEQUENA NOTÁVEL"
CARMEM MIRANDA
Dir. MAURICIO SHERMAN
Figs.: Arlindo Rodrigues — Coreg.: Ismael Guizer — Textos: Ary Fontoura e Alexandre Marques. Supervisão: José Prado e Manolo Mascarenhas — NIGHT AND DAY — Res.: 242-7119 — Aberto diàriamente: Bar desde 10 hs. — Almôço desde 11,30 hs. — Chá-dançante desde 16 hs. — Jantar a partir das 19 hs.

CHURRASCARIA
BOI DA CARA BRANCA
Em pleno coração da Cidade, no tradicional e boêmio bairro da Lapa.
● COMA BEM EM AMBIENTE SADIO
● PREÇO FIXO MESMO!
● FÁCIL ESTACIONAMENTO
Estaremos funcionando durante todos os dias do Carnaval
Rua do Riachuelo, n.º 7, junto aos Arcos. Tel.: 232-7392

canecão
DE 3.ª A DOMINGO A PARTIR DAS 21 HS. RESERVAS NA PORTARIA
BRASIL EXPORT SHOW 72
ELSA SOARES
MARLI TAVARES
e apres. JO JO SMITH
LENNIE DALE (part. esp.)
DE ABELARDO FIGUEIREDO

NUMBER-ONE
2 ÚLTIMOS DIAS
MAYSA
Com o quarteto OSMAR MILITO, QUARTETO FORMA e o conjunto de RONNIE
Reservas com antecedência — Tel.: 267-2231
Rua Maria Quitéria, 19

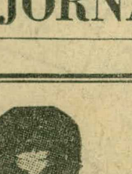
FEIJOADA
Aos sábados
Aberto das 11 da manhã às 4 da madrugada
No almôço: BUFFET ESPETACULAR
★ Cervejaria
★ Churrascaria
★ Ambiente alemão
Agora c/ decoração dos pintores Ganupe e Petronius.
R. Visc. de Pirajá, 22 (ao lado do T. Sta. Rosa) — Tel.: 287-0302

PANELÃO
Cozinha internacional. Diàriamente, almôço e jantar. Especialidade em frutos do mar.
FUNCIONA DURANTE O CARNAVAL
Ar condicionado — Música ambiente
R. General Venâncio Flôres, 300 — Tel.: 267.8302/Leblon

CHURRASCARIA CAMPOS SALES
ONDE A CARNE É FORTE!
Cr$ 13,00 por pessoa.
Todos os churrascos num só! Mais sobremesa e bebida, diàriamente no almôço ou no jantar. É UMA SORTE TER ESTA CASA NO RIO!
R. Campos Sales, 105 — Tel.: 248-5429

TELEFONE PARA 222-1818 E FAÇA UMA ASSINATURA DO JORNAL DO BRASIL

RIO - NAPOLI
Sugestões do nosso chefe:
● Coelho à piemontêsa
● Cabrito c/ broccolis ao alho e óleo
Especial feijoada aos sábados
Restaurante — Pizzaria
Cozinha internacional
SALÃO RESERVADO COM AR REFRIGERADO E MÚSICA EM HI-FI
R. Teixeira de Melo, 53. Pça. Gal. Osório (Ipanema). Tel. 267-9909


JOSÉ MESSIAS
14.º MÊS DE SUCESSO
Apresenta nôvo show do
SAMBÃO
da Churrascaria Galeto
Com 36 artistas, as mais belas mulatas, passistas e ritmistas.
★ Ar condicionado central perfeitíssimo.
Rua Constante Ramos, 140. Reservas: 237-5368.

BULLDOG-BAR RESTAURANTE
Música em Hi-Fi
Cinema Mudo
Cozinha internacional
Atendimento europeu
Serviço completo de bar
Aberto a partir das 11 hs.
Estacionamento fácil
R. Dias Ferreira, 571-A
Tel: 267-8762

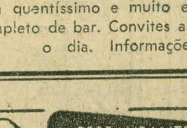
O NÔVO ariston
RESTAURANTE
de categoria internacional
R. Santa Clara, 18-A - Copacabana
Telefone 255-4984

CBP
CORDÃO DA BOLA PRETA
(QUARTEL GENERAL DO CARNAVAL)
Hoje. Coroação de S. M. a Rainha Moma às 22 hs. — Amanhã, desfile de S. M. Rainha Moma, às 14 hs. na Av. Rio Branco. Dia 8: BAILE DO SARONG.
ALMÔÇO ★ JANTAR ★ DRINKS ★ DANÇAS
Av. 13 de Maio, 13, 3.º andar. Novos tels.: 224-9111 e 224-3274

JOFFRE RODRIGUES apresenta
No BIGODE DO MEU TIO
Todo Dia Uma Festa — 6 horas de show
MARTINHO DA VILA e sua sensacional patota de samba. ELLEN DE LIMA e MARISA FOSSA — PAULA RIBAS — EVANDRO e 2 conjuntos musicais.
R. Teodoro da Silva, 668. Res.: 238-0267 e 258-4167.

ALCAZAR
Agora sob nova direção
O MAIOR VARANDÃO DA NOVA AV. ATLÂNTICA
Cozinha internacional — Chopp claro e escuro
Música funcional: HOJE: SENSACIONAL FEIJOADA
Av. Atlântica, 3530, esquina Almte. Gonçalves. Tel.: 255-1923

CARNAVAL
no BIGODE DO MEU TIO
SÁBADO — DOMINGO e 3a.
2 ORQUESTRAS
O bigodudo mais bem acompanhado ganhará 2 passagens — Rio-Buenos Aires-Rio
Reservas e informações 238-0267 — 258-4167


IATE
O IATE SHEHERAZADE zarpa diàriamente às 21,30 hs. com som quentíssimo e muito embalo. Toillete a bordo e serviço completo de bar. Convites a Cr$ 30,00. Saídas também durante o dia. Informações e reservas: 267-7810.

MACROBIÓTICA
SAÚDE É O COMÊÇO DA FELICIDADE
REFEIÇÃO COMPLETA: Cr$ 4,00
De segunda a sexta-feira, de 11 às 21,30 hs. — Sábados, de 11 às 19 hs. — Restaurante n.º 2 abre aos domingos
Pça. Mahatma Gandhi, 2, 2.º and. Tels. 221-4299 e 232-1501
R. Embaixador Regis de Oliveira, 7 — 1.º andar
No endereço da Pça. Mahatma Ghandi, é feita a venda de produtos (das 8 às 19 hs.) e consultas médicas das 13 às 15 hs.: Cr$ 30,00 (a 1a.) e Cr$ 15,00 (as demais)

RESTAURANTE Parque Recreio
CHURRASCARIA e PIZZARIA
nôvo serviço "leve sua refeição para casa!"
Agora FEIJOADA DIÀRIAMENTE
RUA MARQUÊS DE ABRANTES, 92 A e 96
TELS. 225 5284 - 245 4270 - 245 4876
ESTACIONAMENTO PRÓPRIO — AR REFRIGERADO

NIGHT-CLUB COW-BOY ★ Praça Mauá, 39
Apresenta de 2a. a sábado a 1:30 da manhã em seu moderníssimo Palco-Teatro
"CRAZY SQUARE"
Um show da pesada muito doido com Shirley Montenegro, Willian Wu, Axel Bogen, Tiririca Osny José e mil Gatas. Script de Jomba. Prod. e dir. Yang. AR CONDICIONADO PERFEITO

CHURRASCARIA E RESTAURANTE
ÔLHO VIVO
ÚNICA CHURRASCARIA TÍPICA GAÚCHA NO CENTRO
Banquetes — Recepções — Comemorações — Categoria Internacional — AR CONDICIONADO PERFEITO
2 salões com 2 entradas: R. Uruguaiana, 210 — R. Teófilo Otoni, 147
Tel.: 223-2932 — Aberto a partir das 11 hs. até às 21 hs.

Leila Diniz
na revista musical
VEM DE RÉ QU'EU TOU EM 1ª
cantora convidada DALVA DE OLIVEIRA
com SÍLVIO LAMENHA e as Leiletes e as Chacretes
produção de José Mynssen
participação especial de Carlos Leite
direção de atores Luiz Adelmo
direção - Tarso de Castro
Show diàriamente as 0,30h. Jantar com música ao vivo a partir das 20h.
SALÃO DE VIENNA
Av. Afrânio de Melo Franco, 296 - reservas 247-7877

CASTELO DA LAGOA
ÚNICO RESTAURANTE ESPECIALIZADO EM COZINHA EUROPÉIA DO RIO
Salão Nobre exclusivo para banquetes e reuniões festivas de fim-de-semana. ★ Cozinha francesa de gabarito. ★ Culinária ligeira. Abre às 11 hs. Aos sábados: FEIJOADA
Av. Epitácio Pessoa, 1560 — Tel.: 267-0113 e 287-3514
R. Aníbal de Mendonça, 36 — Ar condicionado central
A partir das 19 hs. — Tel.: 287-0105

CURSOS & ACADEMIAS

DHD ACADEMIA DE BELEZA
A CELULITE JÁ TEM CURA! — Resolvido o problema da celulite através de tratamento que é o maior sucesso na Europa e empregado na Clínica DHD. Injeções (ou ionizações) combinadas com massagens eletrônicas. Tudo, sob orientação médica.
R. Carlos Góis, 71, Leblon. Tel. 267-7972 e 267-5646

CONVES
Restaurante
Snack-Bar — Boate
Amanhã: GRANDE FEIJOADA
Ar refrigerado. Música em stereo-music.
Sandwiches à La Carte.
Avenida Sernambetiba, 1208
Em frente ao mar (Barra da Tijuca)
Tel. 399-1408

Carlos Drummond de Andrade

AS COISAS DE GRAÇA

O anúncio dizia: "Amanhã você não vai pagar o seu cafezinho."

Certamente era um café que se inaugurava, procurando cativar o público. Depois do famigerado petit prince de Saint-Exupéry, cativar tornou-se palavra de consumo geral. Como o cafezinho.

Pois não era. A casa fechava-se e, a título de despedida sentimental, não cobraria o cafezinho que fôra objeto do seu comércio durante 30 anos.

O frequentador suspirou:

— Há 30 anos que tomo café nesta casa, e logo quando ela vai acabar é que institui o fornecimento gratuito.

Acrescentou:

— Não é pelo preço do cafezinho, que eu sempre paguei sem sacrifício, e continuaria a pagar, se a casa continuasse. É pela espécie de sonho acordado que isso me provoca, sonho que dura um momento, e se esfarela: as coisas de graça. Elas só ficam sendo de graça na hora em que deixam de ser coisas.

— Mas vem cá, você queria que tudo fôsse de graça a vida inteira?, perguntou o amigo.

— Queria. Por que não? Se êste cafezinho me é servido de graça neste instante, e, se eu voltar daqui a cinco minutos, será servido outra vez de graça, e mais cinco minutos depois, e mais cinco e mais cinco... até eu ficar entupido de café e bradar: chega, não quero mais!, por que não posso pensar que uma sociedade bem organizada serviria tudo a todos a trôco de sorriso?

O outro ia retrucar com as leis da economia, as lições do Dr. Gudin, o bom senso, etc., mas o rêveur éveillé não lhe deu folga:

— Saio daqui mal acostumado, vou ao Nino, janto uns camarões, retiro-me despreocupado, pois já não se pagam camarões no Brasil. Nisso corre o garçom ao meu encalço: "Dr., o senhor se esqueceu da nota!" "Que nota?", respondo. "Eu sorri para você e para o restaurante, não é êsse o pagamento?" Êle abana a cabeça, desolado: "Continuamos cobrando em cruzeiros, Dr. E olhe que nos hotéis do seu Tjurs já se calcula em dólar." Veja no que dá a ilusão do cafezinho grátis. No entanto, ao ler o anúncio, eu já estava inclinado a não cobrar de ninguém os meus serviços.

— E mudar-se para o hospício.

— Todos se mudariam para o hospício, isto é, não haveria hospício, pois ninguém mais ia enlouquecer por falta ou excesso de dinheiro. Você chama a isso de sociedade utópica, eu chamo simplesmente de sociedade, nome que anda falsificadíssimo. Societas generis humani, para gastar o meu Cícero, que nem de graça cai mais no vestibular. Repare que não estou pedindo nada de graça no sentido comum, de alguém dar a outrem um par de sapatos para sentir-se superior e tirar diploma de generoso. O que eu proponho (proponho é modo de dizer, ninguém me escutaria se eu propusesse isso ao Ministério do Planejamento ou aos fabricantes de geléia) é dar de graça as coisas, retirando valor às coisas, e valorizando o ato de se desfazer delas. Todos passariam a oferecer serviços e bens, de que todos se utilizariam sem recorrer a financiamento, pé-de-meia, desfalque, insônia, úlcera duodenal, enfarte, assalto, homicídio, etc. O trabalho deixaria de ser motivo de injustiça, e a produção deixaria de ser causa de guerra. A gente, no comêço, faria cara feia, depois se acostumava com êsse esporte de oferècer sem cobrar, já que a outra parte, de receber sem pagar não causaria a menor dificuldade. Como isto não é possível agora, e suspeito que não o será nos anos que possivelmente ainda terei de vida, que é que eu vou fazer com êste cafezinho grátis de última hora?

— Beber, uai.

— Solução de mineiro, está se vendo. Nada disso. Trouxe esta garrafinha e vou derramar nela o cafezinho, para guardar como lembrança. É o sinal de um mundo como poderia ser e não é. Pode beber o seu, que o meu ficará guardado no aparador lá de casa. Levei 30 anos para conquistar êste troféu. O mundo não é de graça porque não quer. Ou por burrice.

Disse, derramou, e saiu portando com unção a garrafinha de café gratuito.

A SEMANA QUE NÃO CHEGOU AO RIO

ÁLVARO COTRIM (ALVARUS)

No D. Quixote, charge *de Belmonte*

O rompimento com a Academia

Na Gazeta *paulista, a crítica em cima do fato*

AO contrário de certas semanas comemorativas de duração quinzenal, a famosíssima Semana de Arte Moderna durou três dias — 13, 15 e 17 de fevereiro de 1922.

Êsse cometimento de há muito se vinha preparando para eclodir com espalhafato, no acanhado meio provinciano de São Paulo dos anos 20, por um grupo de moços irrequietos, ávidos de renovação, obrigados, porém, por circunstancias fortuitas, a aceitarem o braço protetor de burgueses esnobes da poderosíssima plutocracia cafeeira paulista, então em pleno esplendor.

O campo inicial escolhido para a batalha foi o **foyer** do Teatro Municipal, onde se realizaria chocante exposição de artes plásticas, provocantemente agressiva aos canones da época, constituídos sobretudo por uma pintura bonitinha, na mesma linhagem dos **bodegones** de cobre cintilante e cheio de reflexos do consagrado mestre Pedro Alexandrino, primeiro professor de Tarsila do Amaral. Para o ato seguinte, espalhavam-se pela platéia, camarotes e frisas, casacas recortadas em Londres ao lado de pródigos decotes, todos muito quietinhos à espera do mirabolante programa anunciado, do mais alto valor intelectual, constante de conferências pronunciadas por escritores vindos do Rio, números de música e declamação, tudo isso acompanhado por famosa bailarina que se apresentaria fantasiada de borboleta. Nas torrinhas, repletas, alvoroçados estudantes contrastavam com a sisudez estudada da **gente bem.**

Sempre polêmica

Ao longo dêste meio século decorrido os depoimentos e informações sôbre a Semana se avolumaram, nem sempre, porém, coincidindo. Ainda agora continuam sendo altamente polêmicos, quando não pouco generosos, como recentíssima reportagem na qual foi devassada a intimidade pessoal de alguns dos prinpicais integrantes dêsse movimento que teve o mérito de marcar uma data da maior importancia no panorama cultural brasileiro.

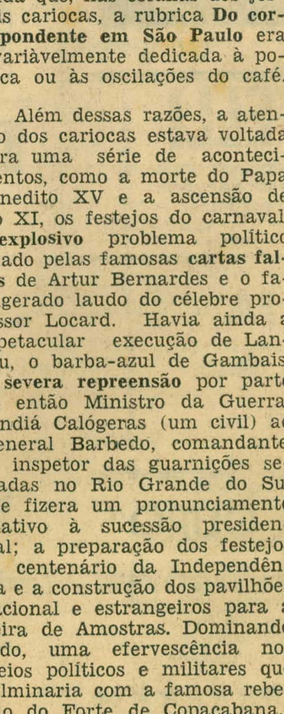
O seguro esclarecimento sôbre a quebra dos padrões então vigentes, assim como a definitiva relação dos verdadeiros participantes e orientadores do movimento, ainda se constiui numa nebulosa, apesar do documentário excelente de Mário da Silva Brito em sua **História do Modernismo Brasileiro — Antecedentes da Semana de Arte Moderna**, ou aquêle sintético, porém bastante expressivo ensaio, de Peregrino Júnior, **O Movimento Modernista**, e mais recentemente o estudo de Aracl. Amaral, **Artes Plásticas na Semana de 22.**

Osvald de Andrade

Silêncio no Rio

Nestas notas procuramos trazer curiosa achega conseguida através de pesquisa procedida na Seção de Periódicos de nossa estupenda Biblioteca Nacional, referente à iconografia registrada, especialmente no periodismo ilustrado, por ocasião da Semana, essa verdadeira tôrre de Babel, tão cheia de equívocos e acasalamentos entre pintores das mais discordantes escolas, romancistas e poetas de variadas tendências, e, a completá-la, músicos, escultores, desenhistas e caricaturistas.

Muito se escreveu e certamente muito ainda se escreverá para esclarecer e conceituar essa machadiana **confusão geral** que



Di Cavalcânti

caracterizou, de fato, a Semana de 22. E' importante notar, contudo, que o acontecimento pràticamente não teve repercussão no Rio, muito menos no resto do país. Várias razões contribuiram para isso. Acreditamos que a principal delas tenha conhecimento. Acreditamos que, dentre as várias razões, a principal tenha sido o caráter nitidamente regional do acontecimento, agravado pela dificuldade dos meios de comunicação, a um tempo em que os jornais paulistas não tinham circulação corrente entre nós como nos dias de hoje. À época, era muito mais fácil encontrar-se os jornais argentinos **La Prensa** e **La Nación** nas bancas do que o **Estadão** ou o **Correio Paulistano.** Note-se ainda que, nas colunas dos jornais cariocas, a rubrica **Do correspondente em São Paulo** era invariàvelmente dedicada à política ou às oscilações do café.

Além dessas razões, a atenção dos cariocas estava voltada para uma série de acontecimentos, como a morte do Papa Benedito XV e a ascensão de Pio XI, os festejos do carnaval, o **explosivo** problema político criado pelas famosas **cartas falsas** de Artur Bernardes e o famigerado laudo do célebre professor Locard. Havia ainda a espetacular execução de Landru, o barba-azul de Gambais, a **severa repreensão** por parte do então Ministro da Guerra, Pandiá Calógeras (um civil) ao General Barbedo, comandante ou inspetor das guarnições sediadas no Rio Grande do Sul que fizera um pronunciamento relativo à sucessão presidencial; a preparação dos festejos do centenário da Independência e a construção dos pavilhões nacional e estrangeiros para a Feira de Amostras. Dominando tudo, uma efervescência nos meios políticos e militares que culminaria com a famosa rebelião do Forte de Copacabana.

Em sua quase totalidade, os jornais diários do Rio — incluindo o **Jornal do Comércio,** JORNAL DO BRASIL, **Correio da Manhã, Gazeta de Notícias, O Jornal, A Rua, A Notícia, Rio Jornal** e mais alguns outros — ignoraram totalmente a Semana. Houve apenas uma exceção, **O Imparcial,** que publicou em dois dias seguidos — 19 e 20 de fevereiro, por ser muito extensa — a conferência pronunciada por Graça Aranha no Municipal de São Paulo.

O passado e o futuro

Entre os periodos ilustrados, o **Para Todos,** ainda muito voltado para os assuntos cinematográficos, dedicou à Semana apenas 14 inexpressivas linhas, num canto de página. **O Malho** e o **Fonfom** — onde por sinal colaborava Di Cavalcanti — nada registraram, assim como a fescenina **A Maçã,** de Humberto de Campos, ou ainda a **Revista da Semana.** Na popularíssima **Careta** encontramos, assinada por Y-Juca-Pirama (?), maliciosissimo tópico sob o título: **A Semana Futurista e Virgílio Maurício,** no qual se punha em dúvida a autoria das obras do controvertido pintor, assim como sua masculinidade.

Finalmente, é em dois números de **D. Quixote,** de Bastos Tigre, que vamos encontrar, na permanente coluna gráfica mantida pelo caricaturista Belmonte e intitulada **D. Quixote em São Paulo,** duas **charges,** a primeira denominada **Nós Temos Talento,** onde se distinguem as figuras de Graça Aranha empunhando um chocalho, Menotti a tocar tambor, Di Cavalcanti com um flautim, e mais duas personagens não identificadas. No meio do charivari aparecem cartazes com os seguintes dizeres: "Carlos Gomes É um Burro!", "Chopin Era um Tocador de Berimbau". "Almeida Júnior Não Pagava o Padeiro", Bernardelli É um Fazedor de Moringas", "Coelho Neto Não Lava os Pés.". A outra **charge,** aparecida no número seguinte, tem o título **A Literatura Futurista, uma Tetéia,** é ainda assinada por Belmonte e satiriza **A Paulicéia Desvairada,** de Mário de Andrade.

Quanto aos jornais de São Paulo, somente em **A Gazeta,** do dia 21 de fevereiro de 22, encontramos um registro gráfico — um friso composto de sete quadrinhos sob o título **A Semana dos Iluminados,** assinado pelo famoso caricaturista paulista Voltolino.

Mário de Andrade

Quando, dois anos depois, Graça Aranha pronuncia seu famoso discurso de rompimento com a Academia, **D. Quixote,** no dia 2 de julho de 1924, apresenta-o ligado ao futurismo italiano, ao cubismo francês e ao expressionismo alemão, pondo de lado a figura de uma grega, a simbolizar o espírito acadêmico. Na **Careta** de 12 do mesmo mês e ano, assinada por Storni, a capa é dedicada ao mesmo tema, vendo-se a fachada da ABL. Graça Aranha todo formado por cubos e, estarrecidas, as figuras de Coelho Neto, João Luis Alves, Medeiros e Albuquerque e Alberto de Oliveira. Ao fundo, numa colina, junto a uma casinha pequenina que tem ao lado um coqueiro, Catulo da Paixão Cearense a empunhar um violão.

Mas, 1924 já é uma outra história....